

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNO FIUZA FRANCO

O CONCEITO DE ESTILO EM LACAN

Goiânia



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: Bruno Fiuza Franco

Título do trabalho: O conceito de estilo em Lacan

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Bruno Fiuza Franco

Assinatura do (a) autor (a) ²

Data: 14 / 03 / 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

² A assinatura deve ser escaneada.

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNO FIUZA FRANCO

O CONCEITO DE ESTILO EM LACAN

Dissertação apresentada para Exame de defesa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, na Linha de Bases Históricas da Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Cristovão Giovani Burgarelli.

Goiânia

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNO FIUZA FRANCO

O CONCEITO DE ESTILO EM LACAN

Goiânia

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Fiuza Franco, Bruno
O conceito de estilo em lacan [manuscrito] / Bruno Fiuza Franco. -
2017.
viii, 82 f.

Orientador: Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Goiânia, 2017.
Bibliografia.

1. Estilo. 2. Psicanálise. 3. Objeto. 4. inconsciente. 5. Lacan. I.
Giovani Burgarelli, Cristóvão, orient. II. Título.

CDU 159.9



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Rua 235, s/n. Setor Leste Universitário – Goiânia/GO – CEP: 74605-050

Fones: 3209-6215 / www.ppgp.fe.ufg.br / Email ppgpufg@gmail.com



**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DE
BRUNO FIUZA FRANCO**

Aos vinte e três dias do mês de fevereiro de 2017 (23/02/2017), às 09:05h, reuniram-se os componentes da Banca Examinadora: Prof. Dr. **Cristóvão Giovani Burgarelli**, doutor em Linguística pela UNICAMP, Prof. Dr. **Emílio Peres Facas**, doutor em **Psicologia Social** pela UNB; Profa. Dra. **Glacy Queirós de Roure** doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, para, sob a presidência do primeiro, e em sessão pública realizada nas dependências da Faculdade de Educação, procederem à sessão pública de defesa da dissertação intitulada: “**O conceito de estilo em Lacan**”, em nível de Mestrado, área de concentração em **Psicologia**, de autoria de **Bruno Fiuza Franco**, discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta **pelo presidente** da Banca Examinadora, Prof. Dr. **Cristóvão Giovani Burgarelli**, que fez a apresentação formal dos membros da Banca e deu-se início à apreciação e avaliação do texto. **A Banca Examinadora, após a apreciação e avaliação do texto apresentado, decidiu considerá-lo aprovado.** Os trabalhos foram até às 10:30 horas e eu, **Fernando Lacerda Junior**, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FE/UFG, lavrei a presente ata que assino acompanhado dos membros da Banca Examinadora. Goiânia, **aos vinte e três dias do mês de fevereiro de 2017.**

Prof. Dr. **Cristóvão Giovani Burgarelli**. (Presidente.) - UFG

Prof. Dr. **Emílio Peres Facas** - (Membro.) - UFG

Profa. Dra. **Glacy Queirós de Roure** - (Membro) – PUC - GO

Prof. Dr. **Fernando Lacerda Júnior** (Coordenador do PPGP)

Agradecimentos

O meus mais sinceros agradecimentos a Kamila Elias Rocha, a quem dedico esse trabalho, e sem a qual jamais seria capaz de iniciá-lo, continuá-lo ou terminá-lo. Que o nosso amor continue a iluminar o meu caminho.

A meus pais, Angelita Fiuza Franco e Maxwell Franco de Moraes, e minha irmã, Juliana Fiuza Franco, sem os quais não teria condições objetivas para dar continuidade a esse projeto.

A minha avó Flávia Teixeira da Silva, mais conhecida como Ruth, pelo amor transbordante.

Ao meu orientador professor Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli, por ter topado caminhar junto nessa empreitada e pelo respeito ao meu tempo.

A Universidade Federal de Goiás, que é uma instituição que me abriga desde a graduação em Psicologia, onde fiz uma especialização e agora o mestrado, todos de forma gratuita e com qualidade. Agradeço especialmente aos professores que se envolveram diretamente na construção do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pois fomos testemunhas de seus esforços, dificuldades e vitórias.

A Sandra Elaine, prima distante, mas que é um farol que sempre guiou meus caminhos.

Ao meu cunhado, Lucas Elias Rocha, pela amizade e a Tia Dagmeire por toda a luz e carinho e por me fazer sentir tão bem em sua companhia.

A Thais Cristina, parceira de fossas e de alegrias, cuja amizade é contemporânea a esse trabalho, embora de outras paragens e que espero acompanhar por toda a vida.

Aos colegas de longa data principalmente nas figuras de Lana, Henrique, Rafaela, Mariah, Jaquelyne, que dividiram nesses anos o interesse pela psicanálise.

A Maria Bethânia, Lana Del Rey, Caetano Veloso, Nina Simone, Pedro Almodóvar, Woody Allen, Milton Nascimento, John Williams, Patrícia Highsmith e tantos outros que me fizeram ser quem sou.

A professora Glacy de Roure e Emílio Facas por tão generosamente contribuírem na finalização desse processo.

Pássaro azul

Charles Bukowski

Há um pássaro azul em meu peito que
quer sair
mas sou duro demais com ele,
eu digo, fique aí, não deixarei
que ninguém o veja.

(…)

Há um pássaro azul em meu peito que
quer sair
mas sou duro demais com ele,
eu digo,
fique aí, quer acabar
comigo?
quer foder com minha
escrita?
quer arruinar a venda dos meus livros na
Europa?
há um pássaro azul em meu peito que
quer sair
mas sou bastante esperto, deixo que ele saia
somente em algumas noites
quando todos estão dormindo.
eu digo, sei que você está aí,
então não fique
triste.

Depois o coloco de volta em seu lugar,
mas ele ainda canta um pouquinho
lá dentro, não deixo que morra
completamente
e nós dormimos juntos
assim
com nosso pacto secreto
e isto é bom o suficiente para
fazer um homem
chorar, mas eu não
choro, e
você?

Resumo

Esse trabalho busca averiguar uma possível conceituação de estilo na obra psicanalítica lacaniana. Esse termo, presente em diversos momentos de sua obra, não encontra uma limitação teórica definida e seu sentido só pode ser abstraído de suas ocorrências. Esse estudo partiu da afirmação lacaniana de que o estilo é o objeto ou, em outro momento, é o homem, mas somente se definirmos de qual homem se trata. Essas frases afastam Lacan da pretensão estilística de investigar as formas pelas quais o discurso se manifesta como uma impressão subjetiva na obra. Na psicanálise lacaniana o estilo se liga ao objeto, ou melhor, a dimensão de objetividade a que o sujeito foi submetido em sua formação. A reatualização desse estado, que foi recalcado, permite ao sujeito, frente ao real, a criação de um estilo. Desta feita, investigou-se como essa tese reflete no próprio estilo de Lacan e na sua tentativa de transmitir a psicanálise na medida em que seu objeto não é da ordem do objetivável.

Palavras-Chave: Estilo, psicanálise, objeto, inconsciente, Lacan.

Abstract

This work seeks to ascertain a possible conceptualization of style in the Lacanian psychoanalytic work. This term, present at various moments in his work, does not find a consistent theoretical limitation and its meaning can only be abstracted from its occurrences. This study was based on the Lacanian claim that style is the object, or at another time, it is man, but only if we define what man is. These phrases drive Lacan away from the stylistic pretension of investigating the ways in which discourse manifests itself as a subjective impression in the work. In Lacanian psychoanalysis style is linked to the object, or rather, the dimension of have been object to which the subject has been subjected in its formation. The re-updating of this state, which has been repressed, allows the subject, in front of the real, to create a style. This time we investigated how this thesis reflects on Lacan's own style and his attempt to transmit psychoanalysis insofar as its object is not of the order of the objectifiable.

Key-Words: Style, psychoanalysis, object, unconscious, Lacan.

Sumário

Resumo	VII
Abstract.....	VIII
Introdução.....	10
Metodologia	24
Capítulo 1) Preâmbulo.....	33
Capítulo 2) Do estilo.....	53
2.1) Em Lacan.....	53
2.2) De Lacan.....	73
Considerações Finais.....	83
Referência Bibliográfica.....	77

Introdução

Mapear o meu interesse pelo conceito de estilo, dentro da teoria psicanalítica, remonta a minha formação tanto na graduação em Psicologia, quanto no mestrado, ambos realizados na Universidade Federal de Goiás (UFG). Este foi meu tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Psicologia. O estudo que agora desenvolvido se apresenta como uma continuidade das questões levantadas naquele primeiro trabalho, ao mesmo tempo em que distende a questão, uma vez que concentra a questão a partir da psicanálise lacaniana.

No TCC, o questionamento principal se concentrou em como o funcionamento pulsional poderia fundamentar a elaboração de um conceito de estilo a partir da psicanálise. Nesse trabalho havia uma concepção de estilo marcado profundamente por uma diferença individual, uma forma de manifestação particular do sujeito e que demarcava uma diferença em relação aos outros. Embora Lacan fosse trazido ao texto, Freud foi o principal teórico a quem me apeguei no primeiro momento, tentando caminhar na sua teoria pulsional extraindo elementos para a construção da minha monografia.

Não obstante qualquer construção acadêmica em relação a esse tema me importar a tanto tempo, o meu despertar para ele remonta a uma experiência arcaica e, não por acaso, ligada à literatura, paixão pessoal que se infiltra em tudo o que faço. Ao ler o conto *O imortal* de Jorge Luis Borges, importante escritor argentino, presente no livro *O Aleph* (1949/2005), me ocorreu um arrebatamento que despertou um interesse que insistia em se fazer presente. Para entender o incômodo, porém, faz-se necessário resumir o teor do texto, mesmo que perdendo a beleza e a poesia existente no original.

Nessa obra o autor se transveste de um narrador imparcial que lê um manuscrito encontrado dentro de um livro qualquer. A narrativa, então, passa para a primeira pessoa e se torna o relato de um homem que busca a imortalidade. Ele ouve um mito de que se pode consegui-la ingerindo as águas de um rio que se encontra em uma cidade perdida em algum lugar do globo.

Sem saber em qual rio específico se encontra a fonte do seu desejo, ele parte para os confins do mundo a bordo de uma caravana, enfrentando desafios, perdendo todos os companheiros por fome ou batalhas até se ver exaurido e à beira da morte em um deserto. Sedento, ele avista ao longe um fio de água lamacento no qual mata a sua sede. Nas margens

de suas águas, depara-se com uma espécie de troglodita que mal se move, vivendo em estado de quase inanição. Na tentativa de se comunicar, ele percebe que esse ser não fala nenhuma língua conhecida. Ao se dirigir insistentemente ao outro, este responde que havia inventado o grego em algum momento de sua vida, sendo a língua com que escreveu a Odisseia, ou seja, o troglodita a sua frente é ninguém menos que Homero. O viajante percebe, portanto, que está diante de um imortal, um homem que encontrou a fonte da imortalidade.

Ansioso, ele avista ao longe a cidade que tanto almejava, descobrindo que ela é murada. Achando uma entrada escondida, ele se depara com a grandiosidade sem sentido dessa aglomeração de prédios. Ele entra em escadas que dão a lugar algum e cômodos fechados sem serventia. A cidade como um todo é uma ode ao caos. De longe ele avista um grupo de trogloditas e percebe que aqueles que mal se movimentam, mal falam, são todos os imortais. Ele, então, se dá conta que as águas do riacho que matou sua sede, lhe trouxera a imortalidade e que seu destino é a perda de todo o sentido da vida. Percebendo que esta é uma maldição, ele parte exasperado em busca do outro rio da mitologia, o que lhe devolveria a capacidade de morrer, encontrando-o depois de séculos em um lugar qualquer da Índia.

Estonteado pela beleza do conto, parti em busca de tentar dar um sentido teórico a essa experiência. Por qual motivo a impossibilidade da morte gerou obras sem funcionalidade, uma cidade sem sentido? Refinando a questão, o que me assolava era qual a relação entre satisfação pulsional e estilo. Ou seja, aqueles seres que nada sentiam, não eram acometidos pela fome, sede, desejo sexual, nada; podendo fazer qualquer coisa, escolhiam fazer nada.

Tentando articular essa questão com a psicanálise, campo a qual me filiei e escolhi estudar durante a graduação, me propus a investigar o que essa teoria poderia formular sobre o conceito de estilo. Para tanto, pretendi articulá-lo à pulsão. Resumidamente o conceito de pulsão, um dos objetos de estudo de Freud, possibilita aos seres humanos uma forma de funcionamento psíquico, caracterizado pela ausência de determinismos de qualquer forma, diferindo do movimento instintual, que é determinado pela natureza (Jorge, 2010/2013). Pude chegar à conclusão de que o funcionamento pulsional foi o que os imortais perderam ao beber das águas da eternidade.

Como consequência teórica, o conceito de repetição se apresentou como uma necessidade a ser desenvolvida no trabalho, para dar consistência à ideia desenvolvida. Para tanto, mais uma vez percorri a obra freudiana para tentar diferenciar a repetição, enquanto modo de operação subjetiva, do conceito de estilo, que dentro da tradição literária se

caracteriza por uma marcação diferencial, ou seja, uma marca, de um autor ou movimento artístico, capaz de torná-lo reconhecível. Na dissertação que se segue a questão que o sustenta ainda é o conceito de estilo, mas agora com outras nuances não alcançadas no TCC.

Em Psicanálise, a utilização de estilo é privilegiadamente lacaniana. Em 1933 ele escreve um texto, publicado em uma revista surrealista, em que articula o conceito de estilo, a criação artística e a questão da psicose. Embora nesse primeiro momento Lacan ainda se filiasse ao uso desse conceito àqueles dos filósofos estetas, no decorrer de sua obra o estilo ganha contornos que lhe são característicos (Santos, 2015). É por esse caminho que pretendo construir o presente texto.

Embora Lacan tenha trazido para o âmbito psicanalítico esse conceito, isso não significa que ele foi o seu inventor. Na tradição literária, a estilística é uma disciplina que pretende se debruçar, por um lado, sobre os estilos dos autores por si mesmo, ou seja, identificar unidades internas à obra que permitem uma identificação desta com determinado autor (Quinet, 2009). Por outro lado, essa mesma disciplina pretende perceber elementos dentro de um período histórico ou de um movimento artístico que indicassem uma partilha de sentido entre os autores que se filiassem ao movimento.

Embora Lacan, em um primeiro momento, vá se filiar a essa tradição, é possível perceber, no decorrer interno de sua obra, uma transformação no sentido desse conceito. Esse trabalho pretende apreender dentro dessas mudanças, o que podemos conceitualizar efetivamente como estilo. Embora se tenha uma profícua utilização desse conceito pelos psicanalistas, fazendo alusão a um pressuposto sentido dado, percebe-se que ou o conceito é tomado como sabido por si mesmo, ou há uma indefinição sobre aquilo que se pretende dizer (Santos, 2015).

Pretendemos afastar-nos da concepção limitada de que estilo seja uma construção subjetiva e isolada, e que de certa forma esteve presente no próprio TCC. Para tanto algumas perguntas percorrem esse texto: qual o motivo de Lacan recorrer especificamente ao conceito de estilo? O que este conceito comporta, enquanto potência de significação, que dentre tantas possibilidades à disposição, esse foi escolhido por ele para ocupar determinados lugares em sua obra?

Nesse contexto, um problema aparente se apresentava à minha frente. Ao me debruçar sobre os textos que se propunham a discutir a temática do estilo, outros conceitos se atrelavam

à discussão. Para tentarmos abordar esse conceito dentro do seu imbricamento, tentamos em um primeiro momento abordar os conceitos básicos necessários para enfrentarmos a questão do estilo em Lacan munida minimamente de instrumentos capazes de operacionalizar nosso objeto. Um problema metodológico que se apresentou na feitura desse trabalho, entretanto, se deu na questão do estilo de Lacan. Tentei apressada e erroneamente me esquivar a essa problemática. Entretanto, ambas as questões estão intimamente relacionadas ao problema do estilo, portanto, ao invés de esquivar dessas questões, elas se integrarão ao trabalho na tentativa de conseguir abarcar o conceito de estilo pelas suas pontas. Assim, nos filiaremos a Souez (2002) quando escreve:

Uma particularidade da enunciação lacaniana é que ela não nos permite decidir entre o estilo ‘de’ e o estilo ‘em’ Lacan. O estilo de Lacan quer acompanhar o estilo da enunciação que retorna ao psicanalista a propósito de sua prática. Na verdade, devemos falar em um vai-e-volta necessário do estilo de Lacan ao estilo em Lacan. (p. 255)

Um problema que se apresentou desde o início da investigação para a construção desse trabalho foi a escassez de texto psicanalíticos que se debruçassem sobre esse tema. A par do livro de Iannini (2012) e da dissertação de Santos (2015), o conceito de estilo é abordado rapidamente dentro de obras como a de Quinet (2009) para logo serem utilizados dentro de um contexto maior. Nesse sentido, pensamos que a busca por uma conceituação de estilo se apresenta como tendo uma importante função acadêmica e psicanalítica, já que busca esclarecer do que se trata quando se fala de estilo.

A fim de um estabelecimento mínimo operador comum trabalharemos com o conceito de estilo tal qual posto em Lacan no seu texto *Juventude de Gide ou a letra e o desejo* (1958/1998), em que categoricamente afirma “o estilo é o objeto” (p.751). Tentamos, na presente dissertação, sustentar que essa afirmação é fruto de uma intensa produção teórica que tem suas origens no artigo *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas de existência* (1933), tendo seu ápice no texto *Abertura* de 1966, ao qual, utilizando a clássica assertiva do filósofo Buffon “O estilo é o próprio homem” (Lacan, 1966/1998 p.9), o subverte na medida em que afirma que devemos estabelecer a questão primeiramente resolvendo o estatuto do homem na psicanálise. Uma nota sobre o conceito de sujeito. Na obra de Freud, indivíduo e sujeito são termos usados e às vezes correlatos, mas tal emprego não se sustenta mais após a elaboração lacaniana, em que o termo indivíduo é abandonado enquanto que o termo sujeito é deslocado, passando cada vez mais a dizer respeito a um sujeito que não tem “nenhuma identidade, visto que nem sequer é idêntico a si

mesmo”, embora esteja atado “ao deslizamento da língua e à parcialidade das pulsões corporais” (Le Gaufey, 2015, p. 52-53). Essa discussão, porém, envolve conceitos como objeto *a*, Outro, significante, encadeando outros. Nesse sentido o primeiro capítulo se dedicará a apresentar os conceitos necessários de forma a fundamentar as afirmações que se sucederão.

Se no TCC as investigações sobre estilo me levaram ao conceito de repetição, no presente trabalho a questão que se coloca é o estilo como tentativa de formalizar, por um lado, a experiência do trabalho psicanalítico e por outro a relação do psicanalista frente ao próprio conceito de inconsciente. A experiência de fim de análise é metaforizada tanto por Freud quanto por Lacan (Iannini, 2012). O estilo, enquanto conceito ao mesmo tempo operatório e carregado de potência, é uma tentativa de Lacan transmitir o acontecimento de fim de análise. Essa articulação, porém, é antecedida da discussão sobre o estatuto do sujeito na teoria psicanalítica, abordando conceitos que se fizeram necessários para essa discussão.

Ao tentar conceitualizar o que é estilo me deparei com a relação indissociável entre esse conceito e a transmissão da psicanálise. Da mesma forma, o estilo de Lacan comporta a subversão dos meios formais de escrita e apresentação (Iannini, 2012) na tentativa de manter o rigor na transmissão, ao mesmo tempo em que comporta a dimensão da originalidade, ou seja, a psicanálise só se transmite a partir da inclusão do sujeito. O capítulo dois do trabalho, portanto, se dedicará a apresentar esses desenvolvimentos. Para tanto ele será dividido em dois pontos, o estilo *em* Lacan e o estilo *de* Lacan. O primeiro ponto se construirá em como esse conceito se desenvolve na obra de Lacan, comportando uma potência conceitual que buscamos estabelecer. No segundo ponto o intuito é demonstrar que, apesar das críticas, o estilo de Lacan não é um acessório, uma escolha que ele poderia ter aberto mão durante o seu caminho em vista de um ensino mais claro e objetivo. O seu estilo é uma necessidade em frente à particularidade do objeto ao qual ele se debruça, o inconsciente, tanto que Lacan insistentemente incita seus ouvintes a criarem o próprio estilo para construir a psicanálise.

Tentando fazer jus a essa incitação lacaniana, esse trabalho é ao mesmo tempo a apresentação de um autor que transita entre a psicanálise e a universidade. Para tanto, busca-se denunciar a construção de um estilo, ao mesmo tempo em que escolheu se utilizar da academia para tanto. Se Lacan exige que para entender seus ensinamentos o leitor se doe na leitura (Lacan, 1966/1998) acredito que essa dissertação é um pedaço daquilo que consigo me dar sem perder o rigor ao qual o local ao qual me dirijo, a universidade, exige.

Metodologia

Discutir a questão metodológica como um tópico especial na dissertação se mostrou imperioso, devido à necessidade de realização das disciplinas obrigatórias do mestrado. Em uma delas, mais especificamente a de metodologia, quando os alunos que faziam pesquisa em psicanálise, grupo ao qual me incluía, fomos questionados sobre o que fazia um trabalho acadêmico em psicanálise não ser meramente um trabalho bibliográfico, nos deparamos com o desconcerto. Como éramos um grupo que tinha o mesmo objetivo, nos desdobramos para tentar responder a essa questão. Aproveitamos-nos também dos momentos em que o grupo Entraste - projeto de extensão desenvolvido na universidade sob coordenação do orientador do presente trabalho e membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás, professor Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli- onde discutimos temas relativos à psicanálise auxiliando no esclarecimento de questões suscitadas pelo presente texto. Muito embora o resultado não tenha sido uma resposta completa, o caminho para a elaboração auxiliou no processo de construção do presente texto. Além disso, inseridos que estamos em um ambiente acadêmico, enfrentar seriamente a questão do método se faz necessária. Para fins funcionais tomaremos a distinção entre método e metodologia de maneira a se compreender o primeiro como o caminho, a forma como se constrói um trabalho, e metodologia como a discussão sobre os diferentes métodos e qual se adequa melhor aos objetivos dos trabalhos desenvolvidos.

Pensar a questão de metodologia é retomar discussões muito antigas na história do movimento psicanalítico, já que o método de construção da psicanálise utilizado por Freud foi fruto de controvérsias. Com o desenvolvimento da psicanálise, Freud teve que fazer uma escolha epistemológica em relação a qual modelo de ciência ele tinha a intenção de incluir a psicanálise (Iannini, 2010). Entre as ciências sociais e naturais, a escolha freudiana é clara: “a intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis” (Freud, 1895/2006). Essa escolha aponta, por um lado, pela tradição positivista de sua formação, evidenciada pelo arcabouço teórico de que ele lança mão para construir sua teoria, qual seja a neurologia e o darwinismo.

Por outro lado, porém, essa escolha aponta para um desconforto freudiano com a epistemologia vigente (Iannini, 2010). Isso se dava pela inadequação entre o método científico e o objeto desse nascente campo de saber. Com a publicação do artigo *Estudos*

sobre a Histeria (Breuer, Freud, 1893-1895/2006), um relato clínico das descobertas iniciais dessa nova ciência evidenciou a necessidade de novos parâmetros no tratamento da histeria que diferiam das práticas científicas da época. A causa não estava em fatores orgânicos, mas em experiências traumáticas rememoradas por meio da fala. Freud (1895/2006) percebia que estava diante de um objeto diverso daquele originalmente reconhecido pelas ciências naturais. Esse ineditismo não significava abandono do rigor científico, o que o levou a utilizar os métodos disponíveis, mas também a subvertê-los.

Segundo Birman (1994), essa operação metodológica se aproximava mais do que era feito no campo da história e da linguagem do que de um discurso científico. A regulação epistemológica do saber psicanalítico se fundava na rememoração: meio de validar ou não as teorias interpretativas e metapsicológicas. Nessa perspectiva, a psicanálise se aproxima muito mais da especulação filosófica e, portanto, de uma hermenêutica, do que das ciências naturais. Essas discussões, ao mesmo tempo em que apontam a dificuldade em situar a psicanálise nos espaços dos saberes, enfatizam a especificidade de seu objeto e sua metodologia.

Assim, as argumentações acerca da cientificidade da psicanálise e de seu fundamento epistemológico são repetidamente resgatadas para crítica ou afirmação de sua posição. Desde que Freud formulou sua teoria, objeções são levantadas contra a forma pela qual eram obtidos os dados que fundamentavam suas inferências e contra o caráter ‘especulativo’ das teorias e conceitos articulados com base nesses dados (Mezan, 2006). Essas dúvidas recaem sobre a possibilidade de se construir um trabalho que seja ao mesmo tempo científico e psicanalítico.

Freud não se furtou a essas questões no período em que objetivava legitimar a psicanálise no campo da ciência moderna. Esses questionamentos ainda ecoam em ambientes acadêmicos de produção de conhecimentos, como nos Programas de Pós-Graduação. Se a psicanálise cada vez mais conquista espaço nas pesquisas, na mesma proporção lhe são requisitadas respostas quanto aos seus parâmetros científicos, dentre eles sua metodologia de pesquisa.

Nesse sentido, na construção metodológica desse trabalho, as especulações em relação à cientificidade da psicanálise, que suscita a questão de conseguir escrever um texto que caminhe pela seara acadêmica e psicanalítica, induz revisitar em como essa discussão é feita nesse campo. Ao propor um trabalho em uma universidade pública e em um ambiente acadêmico, onde a discussão com o público em geral é condição para sua própria existência, é impossível tomar qualquer saber como pressuposto. Portanto, mesmo que de forma breve, a

discussão metodológica pretende reacender a discussão, sem ser taxativo, mas fornecendo ferramentas para o debate.

O método utilizado para se apreender um objeto se aproxima do conceito de estilo uma vez que, pela própria história do movimento psicanalítico, percebe-se a necessidade da criação para se dar conta dele. Quando nenhum sistema majoritário consegue fornecer as coordenadas que possibilitem as formas de se construir um trabalho, é fundamental que o pesquisador se imiscua no trabalho e desbrave da forma que lhe parecer conveniente àquilo que lhe é de interesse. Quando Lacan pede aos seus ouvintes que fizessem como ele, não o imitassem (Lacan *apud* Quinet, 2009), ele insistia para que os psicanalistas, na busca por seu método, apresentassem um estilo.

Em relação à discussão entre ciência e psicanálise, Lacan (1966/1998) em *A ciência e a verdade*, afirma que Freud nunca teria se desvinculado dos ideais científicos, o que lhe fora essencial para os créditos posteriormente recebidos, mas que ainda assim, se permitiu desvios que culminaram na sua metapsicologia, “(...) sempre com uma segurança sem retardos e com um rigor inflexível” (Lacan, 1966a/1998, p. 871-872).

Tais desvios foram consequentes da incoerência entre os critérios de objetividade e neutralidade exigidas com o objeto que se apresentou à psicanálise, o inconsciente. Este objeto não é passível de manipulação material, tampouco de acesso direto, sendo este tão somente pelos seus efeitos. Efeitos na linguagem – atos falhos, lapsos, sonhos, sintomas – que podem ser acessados em uma investigação que implica dois indivíduos em relação transferencial, “e essa investigação é uma investigação nova, que nunca havia sido feita antes na nossa cultura e que exige condições especiais. (...) uma dessas condições especiais é exatamente a análise do próprio analista.” (Nogueira, 2004, p. 89).

Tal relação, de saída, coloca em questão os princípios de neutralidade e objetividade. Essa nova forma de fazer pesquisa se estrutura, pois, em três campos indissociáveis, quais sejam: (a) os procedimentos de investigação dos processos mentais inconscientes, (b) o tratamento e um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e (c) reformulação sobre seu objeto (Figueiredo e Minerbo, 2006). Em outras palavras, a prática e a teoria se conjugam na contínua construção dos preceitos psicanalíticos, pois se a clínica está em constante transformação, já que contingente às mudanças sócio-históricas, a teoria a acompanha nesse movimento.

As elaborações teóricas em psicanálise, desde o seu nascimento, têm espaço nas associações e instituições de formação por grupos de psicanalistas que possuem concepções teóricas, ideológicas e políticas parecidas. Mas, já há alguns anos, esse campo de conhecimento tem dividido os corredores das universidades, tanto em salas de cursos da área de humanas, como nos programas de pós-graduação. Nestes programas, a produção vem ganhando reconhecimento da comunidade psicanalítica, assim, como diz Figueredo e Minerbo (2006) “a prova de que tais trabalhos são úteis para o psicanalista não acadêmico está no fato de que hoje se tornou comum estudar em livros gestados nas incubadoras da pós-graduação” (p. 232).

A psicanálise se constitui como um discurso científico, na medida em que produz um objeto teórico articulado de maneira coerente por um método de investigação e por uma técnica (Birman, 1994). Foi no campo dessa tradição epistemológica, acrescenta Birman (1994), que Althusser propôs a cientificidade da psicanálise, na medida em que enuncia a existência de seu objeto: o inconsciente. Além disso, a construção deste objeto se inscreve no campo da experiência psicanalítica, centrada na transferência e na interpretação. Mas surge a questão da garantia de que um conhecimento formado por esses pontos possa ser fiável.

A interpretação psicanalítica se efetua no campo simbólico daquele que fala. Mas há uma consideração a ser feita a este posicionamento, o de que o simbólico não permite o acesso à verdade do sujeito, pois essa verdade é sempre a causa e nunca o fim, há que se considerar, portanto, o real que insiste nos buracos do simbólico. Dessa forma, poder-se-ia pensar que à interpretação soma-se a ética da hipótese do inconsciente (Aguiar, 2006).

Inconsciente estruturado como uma linguagem tal como proposto por Lacan, mas que não guarda em si nenhuma estrutura de saber, pelo contrário, guarda a um não-saber que impulsiona toda a construção dos discursos. Há uma divisão radical entre o saber e a verdade, esta como causa da criação significativa, pois nunca alcançada, evanescente em si mesma. Sobre a posição da ciência frente à verdade Lacan (1966) diz que “(...) da verdade como causa, ela não quer-saber-nada” (p. 889).

Maurano (2006) destaca a diferença entre a psicanálise e a ciência quanto à compreensão da verdade e do saber: [...] não porque a psicanálise não tivesse nada a saber, isto é, fosse avessa à questão do saber, mas sim porque questionava a própria função do saber para o sujeito e a sociedade. Dito de outro modo, a psicanálise discute a relação do sujeito

com o saber e a relação do sujeito com a dimensão da vida que escapa ao saber, ponto limite do sentido (p. 209).

A pergunta seria, então, tal como feita por Lacan: o que é uma ciência que inclua a psicanálise? Para Iannini (2007) essa questão implicaria uma torção lógica e também estrutural à ciência, pois de acordo com ele a tese lacaniana seria de que por exigências de ordem metodológica e epistemológica a ciência excluiria o sujeito, enquanto a psicanálise o acolhe.

Se o sujeito para a psicanálise é aquele fundado no não-sentido, na perda da verdade absoluta, como seria praticada essa psicanálise dentro da ciência? Alguns autores como Mezan (1993) e Figueredo e Minerbo (2006) se esforçam em responder a essa pergunta e estabelecem características de como seriam feitas as pesquisas em psicanálise. Os autores propõem que a essa pesquisa, com o método psicanalítico, se pautaria pela transformação tanto do pesquisador quanto do objeto em um processo em que o pesquisador se deixa fazer pelo objeto, construindo-o na medida em que avançam as elaborações e descobertas. Esses autores problematizam inclusive a exigência de método no sentido cartesiano de uso, sugerindo a utilização de estratégias e táticas, pois elas “(...) deixam uma larga margem para o imprevisto e para os processos primários, para as descobertas e para as invenções” (p. 263).

Diante dos impasses apresentados, como pensar a pesquisa em psicanálise na universidade? Freud já se debatia com essa questão haja vista que, como dito anteriormente, pelo seu rigor metodológico a psicanálise encontrou uma certa acolhida nos corredores universitários, principalmente nos Estados Unidos, sem levantar aqui a discussão do que foi feito com essa disciplina na posterioridade.

A inserção da psicanálise na universidade é uma querela antiga pelos dois lados. Freud, em seu texto “Sobre o ensino de Psicanálise nas Universidades”, de 1918, publicado em 1919, tentava dar uma resposta a essa questão estabelecendo os limites e as possibilidades desse diálogo, estabelecendo a sua posição sobre o tema. Nesse texto, ele apresenta as vantagens para universidade e para a psicanálise dessa inclusão.

Em relação ao psicanalista, nos diz Freud, a inclusão da psicanálise no ambiente universitário seria positiva, porém desnecessária, uma vez que ele teria suas sociedades onde ocorreria sua formação (Freud, 1919/2006). Em relação à universidade ele é menos parcimonioso e argumenta a favor da inclusão da psicanálise como disciplina a ser inserida no

currículo universitário, principalmente na formação médica. Os pontos ensejados nesse texto dão elementos para se pensar de forma mais aprofundada a relação entre psicanálise e universidade.

Entre alguns argumentos levantados por Freud ele propõe que o método psicanalítico, embora possa ser um bom instrumento para investigar as causas das patologias mentais, não se restringe a esse campo, ampliando, pela própria metodologia, as áreas que se interessariam por ela (Freud, 1919/2006). Dessa forma, poder-se-ia estender essa disciplina para outros cursos que não à medicina.

Outra consideração feita por Freud é a necessidade de haver, nos cursos em que a Psicanálise estaria inserida, extensões, em hospitais, por exemplo, que permitissem a prática clínica dos seus fundamentos. Essa recomendação demonstra que por mais que essa aproximação seja possível as bases epistemológicas da psicanálise não devem ser abandonados, tendo em vista o fundamento clínico de suas descobertas. Essa aproximação, porém, colocou novos questionamentos à esse campo.

A questão que mais interessa na realização desse trabalho é a possibilidade de se fazer pesquisa em psicanálise. A pesquisa eminentemente teórica “é o estudo das teorias por si mesmas, como conjunto de hipóteses, deduções e elaborações sobre certos fenômenos psíquicos que cada uma delas toma como objeto de reflexão” (Mezan, 1993, p.60). Esta pode ser feita de formas variadas, seja pensando nas aproximações e distanciamentos entre as teorias psicanalíticas, seja explicitando e problematizando questões conceituais expressas na teoria e também compondo diálogos entre outros saberes e a psicanálise. De forma geral, o motor que deve engendrar a pesquisa teórica em psicanálise é a insatisfação com o já sabido, com o já elaborado na literatura psicanalítica, e esse incômodo no pesquisador só é possível emergir de um saber já estabelecido.

Assim, é preciso que seja rompida a imagem da totalidade teórica e que o pesquisador suporte a frustração, a incerteza e reconheça fracassos teóricos em seu processo de leitura, pensamento e escrita. Através disto, será preciso traçar possibilidades de construções a fim de algum progresso teórico (Mezan, 1993). É muito importante que seja feita uma vasta pesquisa bibliográfica, até mesmo para se ter uma direção da busca teórica a ser realizada. Este delineamento pode ser feito por meio de hipóteses pré-teóricas ou conceitos em estado larval. Mezan (1993) se apropria da ideia de Laplanche sobre contribuição para apresentar a necessidade do pesquisador se confrontar com os problemas teóricos para que possa produzir

teoria contribuindo para o campo psicanalítico e que outros psicanalistas e estudiosos possam fazer uso de tal conhecimento. Entretanto, embora esse ponto de vista seja defendido pelo autor, ele propõe uma divisão que parece inconsistente. Necessariamente o método de escrita de um trabalho delineia um percurso de formação, que não se revela em sua totalidade na consciência, na história da clínica e também da transmissão, tentando-se colocar o pesquisador a altura do objeto estudado.

Nesse sentido, a feitura deste trabalho se suporta nas considerações levantadas. Encarando a questão do estilo, abordarmos um arcabouço teórico superior ao planejado de saída. A construção formal da dissertação acompanha, portanto, a necessidade teórica que se apresentou nos estudos sobre essa questão. Para sua realização, algumas obras fundamentais foram utilizadas. A escolha dessas obras se deu após buscas nas principais bases de dados de pesquisa e artigos acadêmicos (SciELO, Google acadêmico e Banco de Teses & Dissertações da Capes) surtirem resultados pífios, sendo encontrados alguns artigos que não foram pertinentes para o presente trabalho, uma vez que revelaram objetos diferentes ao buscado.

O supracitado livro de Iannini (2012) *Estilo e verdade em Lacan* foi de fundamental importância para a elaboração do trabalho. Ele se apresentou ora como bússola, que indicava outras obras para serem consultadas, ora como mapa, que indicava por si só as articulações e consideração insuperáveis. A dissertação de Hugo Lana dos Santos (2015) *A noção de estilo em Lacan*, encontrada em uma pesquisa a essas bases, também se mostrou como essencial para realizar a presente dissertação.

O livro de Arrivé (1991) *Linguagem e Psicanálise, Linguística e Inconsciente - Freud, Saussure, Pichon, Lacan* deu sustentação, além de outros textos, para as relações entre a teoria lacaniana e a linguística. Buscamos, sempre que possível, ler os textos em sua fonte. Para tanto, tentamos manter a complexidade da obra de Lacan seguindo a sua trilha para apreender os conceitos necessários. Não obstante, o texto citado de 1933 e a abertura do livro *Escritos* foram guias aos quais nos fiamos no trabalho. A dissertação de Santos (2015) que teve um objetivo parecido com o nosso, mas com resultados diferentes, foi fundamental e recorreu-se a ele sempre que se acreditou que o caminho trilhado nos levaria a conclusões as quais poderíamos tirar consequências para esse trabalho. Conquanto o problema do estilo seja a estrela guia na presente dissertação, de forma a tentar nos manter fiel à pena lacaniana, outros textos dos mais diferentes autores foram chamados e utilizados sempre que houve necessidade de ampliar algumas discussões.

Foi realizada a leitura atenta desses textos, buscando interligar as categorias teóricas que poderiam contribuir para a construção do conceito de estilo *em* Lacan e *de* Lacan. Para tanto, nos esforçamos para deixar que os textos lidos indicassem os caminhos para os conceitos necessários à elaboração da dissertação. Ao fim, consideramos que a afirmativa lacaniana presente no texto *Abertura* se justifica pela elaboração conceitual desenvolvida em sua obra. A originalidade é sempre um desafio, mas é também um risco que se corre quando nos propomos a escrever. Esperamos, por conseguinte, que uma nova dimensão desse conceito surja a partir do ato de escrever.

1) Preâmbulo

O conceito de estilo aparece pela primeira vez na obra lacaniana no texto *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas de existência* (1933), publicado originalmente em 1 de junho de 1933 na revista *Le Minotaure*, que era composta privilegiadamente por autores surrealistas, movimento artístico com que Lacan dialogava à época (Roudinesco, 2007). Nesse artigo germinal, o estilo é proposto na sua relação com a forma linguística e o problema da expressão e da criação artística (Lacan, 1933/2011). Lacan afirma logo de início que “entre todos os problemas da criação artística, o que mais imperiosamente requer — e até para o próprio artista, acreditamos — uma solução teórica, é o do estilo” (Lacan, 1933/2011 p. 395). Essa assertiva dá o tom do que será discutido no decorrer do texto. O autor, entretanto, se debruça sobre a exploração desse conceito se ancorando nas manifestações paranoicas dos ditos “loucos”, buscando um paralelo entre a criação do delírio por esses pacientes e a criação artística.

A vinculação entre criação de obras de arte e estilo já era um tema tradicional dentro da estilística, campo irrestrito a um único saber e que procurava aprofundar as reflexões sobre o problema do estilo. Essa disciplina, que teve sua gênese nos estudos literários, preocupava-se em estabelecer tanto as diferenças estilísticas entre os diferentes autores, quanto a diferença de estilo entre os períodos literários, permitindo-se, assim, diferenciá-los entre si e classificá-

los. Esses estudos acabaram por se estender às outras áreas artísticas e ficaram conhecidos tradicionalmente pelo estudo dos objetos artísticos e suas diferenças internas, ou seja, entre as obras de um mesmo autor, e externamente, ou externas, o autor com outros de sua época ou de épocas diferentes.

Embora nesse primeiro texto Lacan se vincule a essa tradição, pode-se perceber implicitamente o interesse pela questão da autoria, vinculando-se sobremaneira ao delírio do psicótico. Há no texto publicado na revista *Le Minotaure* uma crítica tanto à psicologia da época quanto a psiquiatria francesa, que com suas categorias classificatórias estabelecidas àquele tempo, se mostravam insuficientemente capazes de abordar a temática do delírio psicótico pelo viés do sujeito que o produz. A aproximação com o surrealismo, que foi uma das formas de entrada da psicanálise na França, indica que essa teoria já aguçava os ouvidos de Lacan (Roudinesco, 2007). Isso se corrobora por sua tese de doutoramento, finalizada um ano antes e que mesmo não sendo um trabalho psicanalítico, propunha um diálogo com essa teoria e dava pinceladas do que mais tarde resultaria em uma nova guinada na teoria psicanalítica. Além do interesse psicanalítico havia a preocupação de Lacan pelo tema da criação, que também era de interesse dos surrealistas.

No início de *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas de existência*, Lacan aponta que há uma tensão em relação ao estilo, entre a reprodução objetiva da realidade e o caráter emocional presente na obra de arte, que implica a participação de um sujeito no processo criativo (Lacan, 1933/2011). Entre os próprios artistas existe uma contradição sobre o que pode ser considerado estilo já que por um lado pode-se argumentar que se trata de uma necessidade consciente, invadindo assim o campo da escolha, do adorno intencional com a intenção de passar de uma maneira mais eficaz uma concepção pré-estabelecida da obra. Por outro lado o estilo também pode ser atribuído a um impulso inconsciente, algo do espontâneo e que cabe ao artista reproduzi-lo espontaneamente, ou seja, é algo ao qual ele não pode fugir e nem abrir mão, uma vez que ele não sabe conscientemente do que se trata. Nessa época os estudos em relação ao estilo no pensamento lacaniano coadunavam com o interesse de como o artista criava a sua obra. Para tanto, contudo, ele traz à baila da discussão a forma como que o dito louco, em seus escritos, contribui para se compreender o tema da criação. Lacan (1933/2011) escreve: “Ora, parece-nos que o sentido assumido, em nossos dias, pela pesquisa psiquiátrica oferece dados novos a esses problemas. Mostramos o caráter muito concreto desses dados em análises pormenorizadas tendo por objeto o escrito dos loucos” (p. 375). Ou seja, no texto de Lacan há uma correlação da

estrutura psicótica e a sua característica criativa, com a problemática do estilo. Insinua-se, portanto, a noção de inconsciente e sua imposição ao sujeito, quando Lacan estabelece que o estilo seja também uma imposição que não passa pela racionalidade.

Quando Lacan aponta para a função do inconsciente dentro do processo criativo, retirando da razão a autonomia para as escolhas de execução do artista, ele indica que a produção paranoica pode ser abordada por esse mesmo viés, o que incide de forma crítica nas criações dos psicóticos e também na sua abordagem clínica, já que não se trata somente de um sintoma, mas de criação. Lacan analisa de forma crítica, nesse pequeno texto, a psiquiatria e a psicologia que se fiaram no modelo estabelecido pelas ciências físicas, as quais deram o fundamento para a ciência moderna (Milner, 1996). Desse modo, as ditas ciências da mente buscavam um realismo objetivo para operar com qualquer fuga de uma racionalidade estabelecida. O autor ressalta que, não por acaso, essas disciplinas tiveram como objeto a loucura justamente para estabelecer um quantitativo de responsabilidade dessas pessoas em relação aos crimes cometidos, o que permitia atribuir culpabilidade legal pelos seus atos.

O que Lacan visa trazer ao discurso psiquiátrico é uma abertura ao desejo, à libido, capaz de criar e de subverter essa ordem estabelecida pela ciência dominante (Lacan 1933/2011). Para tanto ele busca, na história, análises que superaram essa redução tipificadora dos sintomas psicóticos, principalmente de autores de origem fenomenológica. Embora eleja alguns trabalhos, como o de Kraepelin, como portadores de uma potência de fecundidade para a fissura da visão cientificista da psicose, ele mesmo os contradiz ao afirmar que pouco fizeram para esgarçar os limites dos preceitos estabelecidos à época, pois para tanto seria fundamental perceber a potência simbólica presente nos sintomas característicos de cada doente, o que os pesquisadores foram incapazes de se atentarem.

No texto de 1933 há o privilégio de análise da paranoia, um tipo de psicose, que ele define como aquelas que se “manifestam clinicamente por um delírio de perseguição, uma evolução crônica específica e reações criminosas particulares” (Lacan, 1933/2011, p. 378). Segundo ele o que os autores clássicos não conseguiram perceber nesse quadro clínico foi a profusão de criações simbólicas, atribuindo os seus sintomas a uma hipertrofia da função racional. Por outro lado, Lacan percebe que a criação desse grupo de pessoas aproxima-se intimamente da produção artística e poética. Mais radicalmente o psicanalista percebe que os delírios não somente alteram a interpretação do mundo desses pacientes, a imbricação é mais profunda, é o próprio mundo do psicótico que é alterado.

Quanto a nós, pudemos mostrar não só que o mundo próprio a estes sujeitos se transformou muito mais em sua percepção do que em sua interpretação, mas também que esta mesma percepção não é comparável com a intuição dos objetos, própria ao civilizado da média normal. Por um lado, com efeito, o campo da percepção está marcado nesses sujeitos por um caráter imanente e iminente de "significação pessoal" (sintoma dito de "interpretação") e esse caráter é exclusivo desta neutralidade afetiva do objeto que exige, pelo menos virtualmente, o conhecimento racional. Por outro lado, a alteração, notável entre eles, das intuições espaço-temporais modifica o alcance da convicção de realidade (ilusões da lembrança, crenças delirantes). (Lacan, 1933/2011, p. 378).

As consequências dessa afirmação são profundas já que o delírio não é tratado como um simulacro, uma falsidade. O papel do terapeuta não é o de reestabelecer um estado anterior de consciência. É a própria relação com o mundo que está construída a partir de uma fratura. Nesse sentido não se pode mais afirmar que a criação do psicótico, seja os seus delírios, no caso da paranoia persecutória, seja em os objetos evidentemente artísticos, como os livros e obras de arte (vide o texto do presidente Schreber de 1905), são intencionais, racionais, deliberadamente construídos já que não há uma realidade perfeitamente construída anteriormente para que, após a eclosão do delírio, seja deformada. Não existe essa anterioridade ético-racional (Lacan, 1933/2011). Lacan se debruçou sobre essas duas criações do psicótico e estabeleceu uma proximidade entre essas criações e a produção artística, elencadas em três tópicos. No primeiro ele define que as significações trazidas por esses pacientes se aproximam daquelas popularmente construídas no folclore e que também inspiram os artistas. Em segundo, o autor percebe que nas criações psicóticas há uma profícua repetição de temas, personagens e cenas, que são reencenados das mais diversas formas, como fazem os poetas e o que é característica do estilo destes. Por fim, Lacan afirma que o que se percebe de mais notável no trabalho metódico desses pacientes é que as suas criações, mesmo fora da realidade racional não são menos reais para os loucos. Por serem parte de sua realidade, elas se manifestam livremente, sem as amarras do neurótico. Dessa forma, pode-se apreender através desses pacientes, a radicalidade de um funcionamento que está em todas as pessoas, mas que são mais destacados nos psicóticos.

É interessante notar que essas afirmações sobre a psicose, feitas em 1933, reverberarão até muito mais tarde na obra lacaniana. Inclusive n'*O seminário livro 3: as psicoses* de 1953, muitos dos argumentos levantados nesse pequeno artigo serão melhor desenvolvidos. Cabe ressaltar, no entanto, que embora germinativo, é possível perceber que Lacan não se rende a uma classificação fácil das estruturas psicóticas. Já está em jogo a concepção de que não há uma realidade objetiva a que o sujeito a reproduz internamente. Nesse sentido, qualquer

profissional que se debruça sobre a psicose não deve partir de conceitos pré-determinados, encarando as produções desses sujeitos como arbitrárias ou fruto de um erro. Quando Lacan chama a atenção para a “significação pessoal” (Lacan, 1933/2011, p. 378), ele destaca que qualquer chave interpretativa dos seus delírios, sintomas e realidade, oriunda de outro que não o sujeito psicótico incorrerá no equívoco. Nesse sentido ele escreve que “podemos conceber a experiência vivida paranoica e a concepção do mundo que ela engendra como uma sintaxe original, que contribui para afirmar, pelos elos de compreensão que lhe são próprios, a comunidade humana” (Lacan, 1933/2011, p. 380). O delírio, então, é a forma psicótica de construção de um laço com os outros da comunidade que ele faz parte, utilizando-se dos mesmos elementos, a linguagem, só que de uma forma original.

O que Lacan propõe é que a experiência paranoica, e da psicose de uma forma geral, produz uma sintaxe própria, uma articulação simbólica particular, que fornece possibilidades de significação únicas para aquilo que é produzido. Qualquer compreensão por parte de um terceiro deve passar pelos próprios meios definidos pelo psicótico. Essa compreensão retira a possibilidade de qualquer ciência se debruçar sobre a psicose através de um saber pré-definido e que se calque em parâmetros objetivos para estabelecer seu diagnóstico e tratamento. Esse pensamento será retomado mais tarde n’*O seminário livro 3: As psicoses* de 1953, ao afirmar que os delírios psicóticos são autorreferentes, ou seja, não são sem lógica nenhuma, mas comportam dentro de seu sistema a chave para sua compreensão “É uma significação que basicamente só remete a ela própria, que permanece irreduzível” (Lacan, 1955-6, 1998, p. 44).

A partir dessa compreensão da estrutura psicótica, que se afasta da fenomenologia ou do humanismo, já que não é tomado por sua sintomatologia, mas por um modo de funcionamento característico, aproximar-se o artista da estrutura psicótica, sem a sobreposição de um ao outro, é possível justamente pela criação e consequentemente pela questão do estilo. “O conhecimento desta sintaxe [do psicótico] nos parece uma introdução indispensável à compreensão dos valores simbólicos da arte e, muito particularmente, aos problemas do estilo” (Lacan, 1933/2011, p. 380). Embora a chave interpretativa do delírio do psicótico esteja dada dentro de seu próprio discurso, isso não significa que a compreensão de linguagem em Lacan comporte uma característica descritiva, ou seja, a fala como uma forma de meramente descrever o mundo. A construção da teoria lacaniana aponta justamente para o reverso da moeda, a impossibilidade de que uma linguagem que se funda no funcionamento significante conseguir ser meramente uma reprodução do mundo. Nesse sentido, Lacan se afasta de uma compreensão linguística da linguagem, muito embora, como é sabido, beba

dessa ciência para sua leitura da psicanálise. Michel Arrivé, linguista francês, é categórico ao afirmar, em seu livro *Linguagem e Psicanálise, Linguística e Inconsciente - Freud, Saussure, Pichon, Lacan* de 1999, que “(...) a linguagem como a concebe Lacan (...) não se confunde com a linguagem tal como a encaram os linguistas.” (p. 209).

Construir uma breve discussão sobre como estabelecer o estatuto da linguagem dentro do corpo teórico lacaniano vale a empreitada no presente trabalho, justamente por anunciar que a necessidade da discussão do estilo de/em Lacan está intrinsecamente relacionada à própria possibilidade de fundar, exercer e transmitir a psicanálise. Lacan ressalta em sua teoria uma questão que, analisada pormenorizadamente na própria história da psicanálise, já está exposta, que é a arbitrariedade da linguagem entre os sujeitos. É isso que atesta, por exemplo, as formações do inconsciente, que o que se quer dizer se sobrepõe ao dito. Em Lacan essa assertiva se torna mais clara, já que para ele a linguagem não é considerada um instrumento de comunicação nem de referência ao mundo concreto. Se, para os linguistas, o signo linguístico é a união perfeita entre significante e significado, ou seja, entre a unidade acústica e o elemento representado (Arrivé, 1999), em Lacan, o que está em jogo é a artificialidade da ligação entre esses dois elementos, união que escapa e não se deixa ver completamente pela barra do recalque. “O que caracteriza, no nível da distinção significante/significado, a relação do significado ao que lá está como terceiro indispensável, isto é, o referente, é propriamente que o significado rateia” (Lacan, 1973/2008, p.31).

Afirmar que as concepções dos conceitos de significante, significado e signo em Lacan ao mesmo tempo em que tocam se afastam àquelas propostas pelos linguistas diz pouco se não se estabelece aquilo como esses conceitos são entendidos na linguística. Nesse sentido, um breve resumo sobre esses termos se faz necessário. Para tanto nos apoiaremos na construção de Michel Arrivé que, no livro já citado, elabora esses termos nos dois campos, a ciência linguística e a psicanálise lacaniana. Embora haja limitações em se considerar a leitura do linguista, principalmente em relação à psicanálise lacaniana, tentar-se-á trazer o próprio Lacan para explicitar sobre seus termos.

A tomada da língua enquanto objeto de estudo pode ser equalizada à criação da própria ciência linguística. Ferdinand de Saussure é considerado o pai dessa ciência, que tem como mito de fundação o *Curso de Linguística Geral*. Trata-se de uma série de aulas proferidas por Saussure em que ele expõe os principais termos dos seus pensamentos. Embora seminal, não coube ao autor a publicação dos seus discursos em forma escrita, mas aos seus

alunos. Excluindo as tensões insuperáveis ao se tratar de um texto transcrito por terceiros, o livro apresenta os conceitos fundamentais para a construção da linguística, sendo que Lacan, na década de 1950, faz uma releitura do *Curso* (1916). Nesse sentido, não obstante o peso e a densidade do livro, recortaremos de sua extensão os pontos necessários para o funcionamento do presente texto. É indispensável, portanto, ressaltar um ponto do texto aos quais chama atenção Arrivé (1999), que é o estabelecimento de um campo linguístico mais amplo, chamado de semiologia, destinado a estudar os desenvolvimentos da linguagem dentro do seu meio social. Diz Saussure (1916/2006)

Pode-se conceber uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social, ela formaria uma parte da psicologia social, e, por conseguinte, da psicologia geral; nós a chamaremos de semiologia (do grego *semeion*, signo). Ela nos diria em que consistem os signos, que leis os regem. Já que ela ainda não existe, não se pode dizer o que ela será: mas ela tem direito à existência, seu lugar está previamente determinado, A linguística é apenas uma parte dessa ciência geral; as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à linguística e esta se encontrará assim ligada a um campo bem definido no conjunto dos fatos humanos (p. 33).

Caberia a semiologia o estudo do funcionamento dos diferentes signos linguísticos na sua relação enquanto sistema. Isso quer dizer que é inadequado tomar um signo como isolado como uma unidade em si mesmo, “(...) não há signo fora dos sistemas que eles constituem” (Arrivé, 1999, p.35). Na medida em que Saussure acredita que caiba à psicologia social a interligação com a semiótica, ele propõe que a evolução indiscutível do signo na história não está relacionada à passagem do tempo (caso o fosse caberia essa disciplina à sociologia), mas a modificação na relação com a vida social, ou seja, a funcionalidade da língua. Este é um objeto, dentre outros, da semiologia. Ela será tomada como objeto da linguística sem, contudo, confundi-la com a linguagem e a fala.

Para Saussure (1916/2006), a língua é um sistema específico de signos. A linguagem, portanto, é um arcabouço expandido que comporta outros elementos. Ele define a língua como uma “faculdade da linguagem” (p. 25). Pode-se apreender em seu texto que a função fundamental da língua é permitir a comunicação entre um grupo humano. A língua é aquilo que permite a realização da linguagem, mas não se reduz a ela, já que a linguagem é heterogênea e se dá no limite entre aquilo que é pessoal e individual.

Se a organização da língua, e conseqüentemente da linguagem, é calcada pelos signos, resta saber o que é o signo saussuriano. Arrivé (1999), a partir de Saussure (1916/2006), chama a atenção para que o funcionamento por signos na comunicação signifique a exclusão,

em seu cerne, da coisa propriamente dita, daquilo que se designa. A formação do signo é da ordem da união entre significante e significado. Está, portanto, posto na teorização saussuriana o afastamento da concepção de que a língua nomeia os objetos existentes, ou seja, que há uma relação próxima e simples entre o nome e a coisa. Para ele o que ocorre é uma operação de referenciação, o que inclui a fala, elemento por ele afastado dos estudos do *Curso* (1916).

Desta feita, a representação gráfica, bastante conhecida, do signo em Saussure (1916/2006) comporta a união dos termos conceito e imagem acústica, muito embora estejam separados por uma barra, marcando que esses termos não são intercambiáveis. Percebe-se que por esses dois elementos a coisa está fora da operação de construção da linguagem. A par de nomenclaturas, o signo passa a ser composto por significado (conceito) e significante (imagem acústica), sendo que essa última não se trata da materialidade do som, mas da marca psíquica realizada por esta materialidade (Arrivé, 1999). Saussure (1916/2006) postula dois princípios, a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante.

Em relação ao primeiro postulado ele escreve “o vínculo que liga o significante ao significado é arbitrário, ou ainda, já que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (Saussure, 1916/2006, p. 100). Não existe nenhuma ligação necessária ou natural entre os dois termos que formam o signo. Quanto ao segundo postulado a linearidade do significante refere-se à necessidade espacial ao qual se faz necessária a manifestação do significante. Isto posto, um significante deve vir, necessariamente, um após o outro. Tiraremos as consequências dessas afirmações que levarão Lacan a estabelecer um estatuto de linguagem e a se utilizar do conceito de significante em sua teoria.

Nesse sentido pode-se apreender a questão por dois pontos. Por um lado é válido investigar a compreensão do conceito de significante na obra de Lacan, já que é esse o operador simbólico do sujeito, o que traz consequências para a compreensão de significado e a relação entre esses dois termos, sendo marca contundente da diferença entre esse conceito nos campos da linguística e da psicanálise lacaniana. Por outro lado há a possibilidade de se destacar que o funcionamento do significante proposto por Lacan caracteriza-se, sobretudo, por seu caráter diferencial, ou seja, que o significante não significa nada por si mesmo, mas somente na sua relação com outro significante em uma cadeia, e negativo(?), na medida em

que seu significado se dá pela diferença com outro significante, ou seja, seu sentido só se dá dentro de um sistema de significantes, incidente na própria prática discursiva (Iannini, 2012).

No primeiro aspecto, qual seja, a concepção de Lacan do conceito de significante e sua incidência nas suas formulações sobre a linguagem, há um aspecto que ao mesmo tempo em que obscurece, explicita a construção do pensamento lacaniano. Iannini, em seu livro *Estilo e verdade em Jacques Lacan* (2012), recobra a constatação do linguista G. Mounin que em seu livro *Linguistique et philosophie* de 1975 aponta para a inexistência de uma conceituação efetiva de Lacan em relação ao conceito de significante. Mais do que denunciar a inconsistência desse conceito no corpo teórico do psicanalista francês, o linguista insiste em denunciar a apropriação do conceito de significante por Lacan, que o toma de forma incongruente com a linguística (Iannini, 2012).

A crítica não é de todo correta, já que Lacan conceitua, ao longo de sua obra, o que ele compreende como significante, conforme consta no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, publicado no livro *Escritos* de 1966 (Lacan, 1966b/1998) em que escreve “nossa definição de significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (Lacan, 1966b/1998, p.833). Não obstante, a escrita afirmativa da impossibilidade de existir outra formulação para o significante, Iannini aponta que posteriormente haverá em seu texto *Ciência e Verdade*, publicado no mesmo livro, uma modulação ligeiramente diferente em sua aceitação. Neste trabalho Lacan escreve “em suma, reencontramos aqui o sujeito do significante, tal como o articulamos no ano passado. Veiculado pelo significante em sua relação com outro significante (...)” (Lacan, 1966/1998c, p. 890). Conquanto possa parecer uma alteração mínima a utilização das palavras representação e veiculação, a diferença entre as duas passagens chama a atenção para o caráter material do significante, ou seja, que este é o determinante objetivo da estrutura de um sujeito (Iannini, 2012).

Embora, como venhamos a demonstrar, a crítica de Mounin seja insípida, ela funciona porque condensa uma série de incompreensões da obra lacaniana e que se liga a questão do estilo na sua teoria e de sua teoria. Conquanto esse ponto seja melhor discutido no decorrer do texto, trazê-lo nesse momento é importante na medida em que servirá como ponto de estofamento para estabelecer alguns parâmetros. Muito se diz que a escrita de Lacan, em alguns momentos, beira o incompreensível (Soulez, 2002/ Iannini, 2012). Alguns teóricos, tanto críticos quanto continuadores, chegam a afirmar que o seu estilo é propositalmente confuso

para impressionar mais do que ensinar, sendo uma característica intencionalmente enxertada no texto. As críticas, embora contundentes, demonstram uma incompreensão do limite ao qual se estabelece a escrita de Lacan, já que a sua concepção de significante impossibilita qualquer fechamento de sentido. As objeções não compreendem que “o desafio lacaniano consiste em tratar o conceito como significante, como elemento da linguagem, e não como entidade de sentido estável alheias ao movimento e às peculiaridades do objeto”. (Iannini, 2012, p. 268)

Para avaliar melhor esse ponto é necessário perceber em que ponto o conceito de Lacan se ancora no saussuriano e em que medida se afasta. É sabido que a contribuição de Lacan a psicanálise se dá justamente pela leitura dos textos freudianos a partir dos elementos da linguística. Em seu texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* de 1957, ele reconhece a importância de Saussure para a elaboração da sua concepção de significante. Embora vá alterar o grafo da relação significado/significante, invertendo a ordem, Lacan credita a Saussure sua inspiração (Lacan, 1957/1998a). Embora Lacan crie uma querela ao afirmar que Freud antecipou Saussure, ou seja, que as descobertas do inconsciente freudiano deram ensejo à compreensão de linguagem proposta pela linguística em que a barra entre significante e significado marca um sujeito, que, então, não sabe a totalidade do que diz (embora a certeza de que em Saussure a barra tenha esse sentido seja questionada) (Arrivé, 1999), essa questão não nos interessa. O que chama a atenção é que Lacan ressignifica termos propostos por Freud utilizando elementos propostos pela linguística.

Ao se fiar ao esquema proposto por Saussure, invertendo-o, Lacan propõe que é o significante que determina o significado. Tendo como base estrutural a psicanálise, essa reviravolta se justifica nas análises dos pacientes, como por exemplo, no texto *Fetichismo* (1927) de Freud, em que uma palavra é o que determina o fetiche de algum paciente, por exemplo. Radicalmente em seu aforismo “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1966/1998, p. 882), estabelece a determinação significante do funcionamento psíquico já que afirma que o seu modo de operação é regido pelas mesmas leis que regem os sistemas de linguagem. O significante impõe seu *modus operandi* ao aparelho psíquico, sendo, por isso, a forma como um sujeito se apresenta. É importante ressaltar que em alguns momentos da obra de Lacan confundir significante e palavra pode acontecer, mas que essa interpretação não é verdadeira na obra do psicanalista francês. Lacan chama a atenção em diversos momentos para o fato de que o significante não representa a coisa, mas é marca de uma ausência dupla. A primeira é aquela fiada por Saussure entre a coisa e sua imagem acústica, ou seja, em sua teoria o funcionamento significante exclui da relação a coisa

propriamente dita. O outro corte é entre os próprios significantes, na medida em que eles não comportam em si nenhuma similaridade ou significado (Arrivé, 1999).

O segundo ponto da compreensão de significante em Lacan e sua incidência na própria construção da psicanálise se liga à ideia de que não há totalidade de sentido, já que para a construção de significado são sempre demandados outros significantes. Isso quer dizer, por exemplo, que há uma contradição em se esperar da obra lacaniana um conceito bem feito de significante (Iannini, 2012), já que há sempre um mais além de que demanda mais e mais explicação. Nesse sentido é que a citada crítica de Mounin à obra lacaniana não encontra ponto de ancoragem, pois ele espera algo que a própria teoria se recusa a dar. “Uma pesquisa filológica fosse ela a mais banal ou a mais sofisticada, não chegará nunca a estabelecer um significado ao significante lacaniano, pois delimitar um significado para o significante lacaniano implicaria uma contradição performativa” (Iannini, 2012, p.310). Essa característica tem efeitos bastante claros na medida em que a própria obra lacaniana é aberta a diferentes compreensões. Esse elemento possui uma ligação íntima com a própria concepção em Lacan de estilo assim como com o estudo do seu próprio estilo.

A concepção de linguagem proposta por Lacan se afasta de um ponto de vista utilitário, de uma linguagem que une harmonicamente o significante ao seu conceito, se distanciando, portanto, dos linguistas. A linguagem, marca do simbólico, é engendrada a partir do real e é por ele imbricada. “A linguagem só se constrói a partir da impossibilidade de significação última; ela é uma resolução problemática ao problema da comunicação, pois — ao mesmo tempo em que possibilita a representação — se constitui tendo o irrepresentável como alvo” (Santos, 2015, p. 48). O real lacaniano, que não se confunde com a realidade, também não pode ser significado totalizando-o como limite da simbolização, isto é, aquilo que o simbólico não consegue dizer. Essa é uma forma de abordar esse conceito, mas não toda. O real para Lacan não está em oposição ao simbólico, mas se imbricam em uma relação dialética.

Dessa forma, se abarca a relação entre simbólico e real de forma constitutiva e não como contraposição. Para sustentar essa proposição, Lacan lança mão mais uma vez da psicose. No seu seminário de 1953 ele afirma que “podemos esperar do fenômeno da psicose que ele nos permita restaurar a justa relação, cada vez mais desconhecida no trabalho analítico, do significante e do significado” (Lacan, 1956/2002, p. 300). Ou seja, a psicose, ao fazer uso do significante fora do congelamento característico do simbólico, expõe a relação

contingencial entre esses dois elementos. O que permite retornar ao texto *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas de existência*, de 1933, retirando consequências da afirmação de Lacan de que o psicótico possui a própria chave de interpretação de seu discurso (elemento que será exaustivamente retornado na sua obra posterior), cabe, porém fazermos um adendo a essa proposta. A formulação de construção de uma linguagem própria a partir dos elementos do mundo, já que o psicótico fala a língua dos homens, não diz respeito a um funcionamento puro da língua. Não é que o psicótico seja portador de uma linguagem clara a partir do momento em que se descobre a construção de seu discurso. A compreensão de linguagem em Lacan impossibilita essa afirmativa. Não por acaso, o autor afirmará em diversos momentos de sua obra que não há metalinguagem. Ou seja, não existe dentro da própria linguagem um mecanismo de decifração (Iannini, 2012).

A crítica à metalinguagem se conjuga a compreensão de Lacan da linguagem. Para se compreender melhor essa afirmação é necessário que consideremos um conceito de metalinguagem, qual seja, o sentido do sentido, isto é, uma linguagem capaz de explicar a própria linguagem. Essa afirmação aponta para sua própria impossibilidade, já que a linguagem comporta uma contradição, qual seja a de que ela é formada por seu próprio material, vale dizer, não há linguagem fora da linguagem. Isso conduz à crítica da metalinguagem, haja vista que não existe uma forma de se comunicar em que a contradição, o equívoco, o lapso, quer dizer, o inconsciente, esteja em jogo (Iannini, 2012). Nessa perspectiva, afirmar que a psicose contém a chave do seu discurso não leva a dizer que há na psicose uma metalinguagem, mas que o sujeito constrói em seu delírio uma linguagem própria mas que comporta, entretanto, seu manquear.

A mudança epistemológica do estatuto da linguagem em Lacan, de uma forma utilitária e eficaz, para algo canhestro e que sempre manca, possibilita a entrada no discurso os efeitos do inconsciente. Desse modo, pode-se tomar o delírio como ele é, qual seja uma criação significativa, afastando o diagnóstico da psicose pelo sentido do delírio, pelos seus significados, mas sim pela forma como ele diz, por sua relação particular com a linguagem (Lacan, 1953/1998). Como tal, nessa produção, o inconsciente se insinua tanto no conteúdo quanto na forma. É de interesse notar que Lacan parte da psicose para construir as bases de sua teoria, utilizando-a como ferramenta de crítica à psiquiatria e a psicologia de sua época, mas também buscando em seu funcionamento desanuvier a articulação languageira, apontando para a impossibilidade de se pensar o signo como uma entidade fechada. Ao se utilizar da linguagem para outros fins, o psicótico denuncia que a forma como a linguagem é construída

corriqueiramente é artificial. Um paralelo curioso com Freud, que mesmo atestando a impossibilidade da psicanálise funcionar para os loucos (Freud, 1913/2006) não se furta a analisar o livro escrito por um psicótico, o presidente Schreber, propondo elementos para a construção da estrutura psicótica (Freud, 1911/2006), assim como utilizar da psicose em diversos momentos para movimentar a sua teoria. Embora não tenham a mesma percepção do fenômeno psicótico, Freud e Lacan o utilizam como recurso de sustentação de algumas teses.

Lacan propõe diagnosticar o psicótico, tanto em 1933 como ao longo de sua obra, não pelo conteúdo do que se é dito, como era feito na psiquiatria clássica quando, dependendo do sintoma, se classificava o delírio do paciente em erotomaníaco, persecutório, de ciúme ou megalomaníaco. Lacan, ao aproximar no texto de 1933, os delírios e a criação artística busca demonstrar que esses pacientes têm muito mais interesses antropológicos do que se percebia até então, já que podem contribuir para a problemática da criação, importante a vários campos, e também do estilo (Lacan, 1933/2011). Nesse texto é possível perceber que Lacan se afasta da tradição de conectar estilo e sujeito, sendo o primeiro considerado como a manifestação indiscutível de uma subjetividade. O estilo ligado ao objeto e não ao sujeito. Não é uma característica inerente e representativa do autor, marca de uma subjetividade, o que impede qualquer psicobiografia, mas modo de operar que produz um objeto, nesse caso o delírio, de uma forma específica (Lacan, 1933/2011).

Não obstante se possa situar as teorizações lacanianas iniciais sobre estilo a partir de uma tradição, a do surrealismo e da estilística, percebe-se que pouco a pouco vai havendo uma torção na sua construção sobre esse conceito. Inserindo sutilmente a psicanálise e suas questões, Lacan acabará por se afastar completamente da tradição epistêmica que vinculava estilo e autor, para vincular ao sujeito da psicanálise e, portanto, ao objeto. Para tanto, o psicótico, que, por sua experiência, vive a criação de forma intensa porque está livre das identificações narcísicas tão caras ao neurótico, tem que inovar, a partir dos significantes, e criar a sua própria realidade. É o que Jacques-Alain Miller observou ao afirmar que "a maneira que Lacan indica para o tratamento da psicose passa por essa característica que é central em Schreber e é a criação" (Miller 1987, *apud* Santos, 2015). O estilo é testemunha desse trabalho de criação, por denunciar o que há de semelhança entre o psicótico e a criação artística. A mudança de sujeito a objeto não é simples e nem se dá em um momento específico da sua obra, mas acompanha o desenvolvimento do seu pensamento e pode ser apreendida pelo desenvolver de sua teoria. Para um melhor entender em que consiste transformar o estilo de sujeito a objeto, um parêntese sobre o estatuto do sujeito na psicanálise - e mais

especificamente em Lacan - se faz necessário, já que esse conceito sustentará a tese lacaniana sobre o estilo.

O sujeito é o fundamento da Psicanálise. Mais do que uma abstração teórica, ele é o fundamento clínico e epistemológico da clínica psicanalítica, *locus* imprescindível para esse campo de saber. Cabbas, psicanalista carioca, afirma “[o sujeito] representa um fundamento clínico. Isto é, representa a base material das operações que integram o trabalho da cura” (2009, p.13). Essa é uma palavra capciosa e que faz girar as mais diversas cadeias, assumindo posições díspares e até contraditórias. Privilegiado no positivismo como o senhor da ação de conhecer, encontra-se em oposição perfeita ao objeto, polo passivo da equação do conhecimento. Muitas vezes confundido com indivíduo ou pessoa, a apuração rigorosa de sujeito leva diretamente ao âmago daquilo que pode ser chamado de fundamentos da psicanálise, já que essa categoria carrega consigo o edifício conceitual dessa disciplina, abarcando a sua radicalidade.

A primeira contradição aparente da questão se encontra no próprio Freud. Responsável por trazer à tona o sujeito dentro da *episteme*, legando aos psicanalistas, na posterioridade, a tradição do debruçar sobre esse conceito, na letra freudiana ele aparece, propriamente escrito, raríssimas vezes. Essa escassez, porém, reafirma a posição angular e radical que a noção de sujeito assume na obra freudiana. Há uma passagem exemplar, presente no seu conjunto de texto denominado metapsicológico, mais especificamente em *A pulsão e destinos da pulsão* (1915/2006) onde ele discorre sobre o circuito pulsional, privilegiadamente o masoquismo. Essa palavra aparece na passagem que discorre o momento em que o masoquista se faz de objeto para obtenção de prazer, elegendo, para tanto, um outro que ocupe lugar de agente da ação, de sujeito. Nas palavras de Freud (1915/2006)

- a) O sadismo consiste em violência, em exercício de poder contra outra pessoa tomada como objeto.
- b) Esse objeto é deixado de lado e substituído agora pela própria pessoa. O redirecionamento contra a própria pessoa transforma, ao mesmo tempo, a meta pulsional ativa em passiva.
- c) Novamente outra pessoa é procurada como objeto, a qual, devido à transformação ocorrida na meta, tem então de assumir o papel de sujeito. (p.153).

Cabbas (2009) aponta que a transformação de sujeito em objeto, engendrada pelo masoquista, presente nesta passagem, comporta nuances não explícitas, mas que contém a potência transformadora, proposta por Freud, da versão positivista do conceito. Para compreender, entretanto, é preciso ir para além do comentário do tradutor americano Strachey, que opõe utilização freudiana de sujeito à dos positivistas que cindem sujeito e objeto na ciência. No seu texto, Cabbas aponta que no texto de Freud sujeito é onde se origina a pulsão e objeto onde ela se satisfaz. No masoquismo, porém, o sujeito parece ser ativo, mas se assume como objeto do outro, se comportando passivamente no circuito da satisfação pulsional (Cabbas, 2009). Tomando o que foi escrito no texto freudiano, percebe-se que, embora se faça de objeto na cena, o masoquista elege um outro para ser o sujeito ativo da ação. Esse sujeito ativo é aparente já que é o objeto supostamente passivo que o elegeu para essa posição, ou seja, a atividade está naquele que se coloca no polo passivo da relação. Para que a corrente pulsional retorne para a própria pessoa é preciso que o sujeito do enunciado, ou seja, o que engendra a ação se reduza ao estatuto de objeto.

Essa percepção clínica de Freud postula uma nova posição para o sujeito. Até então igualado à atividade em qualquer ação, como na ação de conhecer, o sujeito psicanalítico é mais um efeito do circuito pulsional do que uma materialidade de alguém que deita no divã. A ampliação do conceito de sujeito e sua discussão formal no campo da psicanálise foi possibilitada em Lacan com o suporte da linguística. N’*O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* de 1964, a leitura do texto das pulsões de Freud comporta uma longa elaboração. Não por acaso Lacan elege a pulsão entre esses quatro conceitos imprescindíveis à psicanálise. Para tanto, ele retoma a palavra freudiana, no já conhecido movimento de retorno a Freud.

Retornar a Freud, ação catalisadora de tantas controvérsias, significa retornar a psicanálise ao campo da crítica e contravenção, afastando-a de suas versões adaptativas e normativas, caracterizadas principalmente pelas suas correntes americanas e inglesas. Essa intenção já estava anunciada no texto *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* de 1953. Ali, Lacan aponta que os psicanalistas fugiram daquilo que verdadeiramente funda a psicanálise, que é estritamente a fala do paciente. Nesse sentido, mais do que ouvir o que era dito nas sessões, os analistas preenchiem de significado as palavras faladas e as atitudes dos seus analisandos, recaindo a ênfase àquilo que se queria

dizer ao invés do que se era verdadeiramente dito. Lacan aponta que há uma contradição entre esse procedimento e o próprio método da psicanálise, a associação livre.

Pois o essencial é saber o que visa essa atenção [flutuante]: não, certamente, e todo o trabalho está aí para demonstrá-lo, um objeto para-além da fala do sujeito como alguns se empenham em nunca perder de vista. Se tivesse que ser essa a via da análise, sem dúvida alguma seria a outros meios que ela recorreria, ou então, esse seria o único exemplo de um método que proibisse a si mesmo os meios de atingir seu fim (LACAN, 1953/1998, p.255).

Ao movimento de revalorização da linguagem na psicanálise, proposto por Lacan, tendo em vista os ganhos que esse campo teve no século XX principalmente com o advento da linguística, se reafirma concomitantemente o próprio valor da categoria sujeito e sua efetividade na clínica psicanalítica. Lacan afirma, do seu objetivo no texto, que é urgente “a tarefa de destacar, em noções que se enfraquecem num uso costumeiro, o sentido que elas resgatam tanto de um retorno à sua história quanto de uma reflexão sobre seus fundamentos subjetivos” (1953/1998, p. 241). Trazer à tona a questão da fala e da linguagem, restabelecendo o seu estatuto de fundante de qualquer coisa que se possa chamar psicanálise é, por seu turno, configurar a importância do sujeito para a psicanálise, já que é por essa via que ele se apresenta.

Relacionar esses três polos da equação: linguagem, significante e sujeito, é estabelecer o caráter evanescente do sujeito, sua característica de instante, uma formação que acontece e deixa de existir. Isso significa que o sujeito, como apontado no texto freudiano, não é um fenômeno dado de saída, mas um efeito efêmero que aparece nos momentos de queda de suas certezas, naquilo que Freud chamou de formações do inconsciente, ou seja, os lapsos, sonhos e chistes. Empreender a jornada de dessubstancializar o sujeito é a construção de toda a teoria lacaniana. Para tanto é que ele estabelece que o próprio método da associação livre visa apontar os interstícios da fala, deixando entrever o sujeito em momentos de descuido, “pois a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização no ser” (Lacan, 1953/1998, p. 276).

Nesse sentido, para Lacan, o sujeito é uma criação de um terceiro momento. Ele não se encontra nem do lado ativo nem do lado passivo, como citado em Freud, já que ele não tem uma qualidade inerente a si mesmo. Ele não se iguala à atividade da ação, portanto, mas a da manifestação mesma do desejo que é de ordem inconsciente. O sujeito está intimamente condicionado à existência e incidência do significante no corpo do indivíduo.

Para Lacan, a aparição desse sujeito não se refere a transformação de um sujeito já aí preexistente que acaba sofrendo uma modificação sob o efeito da incidência da pulsão. Nem novação, remodelação. Na sua leitura, a aparição de um novo sujeito significa que a novidade se produz ao fim do curso pulsional é a aparição de um sujeito. Refere-se ao advento, propriamente dito, do sujeito. (Cabbas, 2009, p. 24)

Na apreensão do texto freudiano das pulsões, Lacan aponta para a dialética existente entre recalque e pulsão n’*O seminário livro 11*. Essa retomada faz seu sentido justamente na compreensão do sujeito como uma aparição, algo que se dá a ver para logo ser encoberto por outras construções. Se o recalque existe e insiste é porque algo lhe escapa e está em constante tentativa de ludibriá-lo, dando-se a ver nos momentos em que o analisante devia estar de olhos fechados, “De fato encontramos, na experiência, algo que tem caráter irreprimível mesmo através das repressões - aliás, se aí deve haver repressão é que existe além algo que impulsiona” (Lacan, 1964/2008, p.160). É contando com essa força que persiste que a análise pode fazer advir o sujeito do analisante. Com a injunção metodológica para o paciente de que ele fale tudo o que vier à sua mente, o que o analista possibilita é que as construções imaginárias do ego deem espaço à lei do significante, pois “(...) a lei do homem é a lei da linguagem.” (Lacan, 1953/1998, p. 273). O que a pulsão mostra no seu âmago é justamente isso, que não existe uma lei biológica, predeterminada e que condiciona a atuação dos indivíduos a um fim definido. Freud já apontava que o objeto da pulsão é o que há de mais variado (Freud, 1915/2006), o que sugere que a satisfação pulsional se dá à revelia do que pressupõe qualquer ordem natural. Lacan aponta radicalmente para a natureza puramente significante da pulsão como aquilo que desfila nos significantes,

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida (Lacan, 1964/2008, p.163)

A pulsão marca um funcionamento que se pode chamar humano, que é governado pela lei do significante. Retomando e subvertendo a teoria da linguística entre a associação entre significante e significado na composição do signo, Lacan, vai afirmar que o significante é que impera nessa junção arbitrária (Arrivé, 1999). Essa virada se dá justamente pela experiência analítica, onde os significados das palavras não são, em contexto analítico, fixos ou usuais. Quando Freud, e os psicanalistas posteriores, convidam seus pacientes a falar mais e mais, o que está em jogo é um chamamento de significantes, que fazendo deslizar a cadeia possibilita efeitos em quem fala. Com isso em vista, o texto *Função e campo* de 1953 apresenta sua

função subversiva e escancara o caráter pulsional do aparelho psíquico, já que escapa a um funcionamento natural. O sujeito não está dissociado do funcionamento significante e é por essa via que a psicanálise visa operar. É válido ressaltar, como faz Ricardo Goldenberg (2014), que, na teoria lacaniana, não se trata de pensar um corpo natural posteriormente inserido na cadeia simbólica, como se houvesse um corpo pré-simbólico. Quando tratamos de corpo já se estabeleceu a ordem simbólica e que o corpo biológico, que existe, é o que impõe a fronteira epistemológica entre a psicanálise e as outras ciências da natureza.

Para ressaltar o funcionamento simbólico do ser humano, Lacan utiliza um experimento realizado por um famoso biólogo da época. Na experiência, um grupo de pessoas era treinado a contrair suas pupilas inconscientemente, só com a presença de uma palavra. Através de associações entre estímulos e palavras, o autor defendia a tese de que o significado da palavra podia dominar a estimulação autônoma do corpo. Lacan pergunta, então, se a mesma palavra em outros contextos causaria a contração pupilar, ou se mesmo variações ou pedaços da palavra teriam o mesmo efeito, sendo que o experimento demonstrou que não. Lacan aponta, então, que não existe palavra fora do seu contexto de significação, ou seja, mesmo a palavra tomada no seu aparente isolamento só contraía as pupilas pelo seu significado enlaçado ao significante (Lacan, 1953/1998). Essa afirmação de Lacan tem um duplo efeito assertivo. Por um lado explicita que o funcionamento simbólico impera no corpo humano e por outro demonstra a materialidade do significante, pois existe uma modulação que interfere na realização da própria experiência. Goldenberg (2014) chama a atenção para que os sintomas de um sujeito possuam íntima relação com os seus sintomas. “Se uma pessoa muda de língua ela modifica seu sintoma” (Goldenberg, 2014).

Embora, como estamos tentando mostrar, tanto os linguistas quanto Lacan chamem a atenção para a arbitrariedade da ligação entre significante e significado, é evidente que os seres humanos se comunicam. Na teoria lacaniana, porém, a linguagem é marcada, sobretudo, por claudicar, ser o local privilegiado do equívoco (Arrivé, 1999). Entretanto, há momentos em que significante e significado se tocam, formando uma palavra carregada de sentido. Esses momentos, chamados de pontos de basta, Lacan metaforiza como o botão de uma almofada que, quando apertada no meio, consegue unir as duas faces desse objeto. O autor escreve n’*O seminário livro 3: as psicoses*: “[o ponto de basta é o] ponto em que vêm se atar o significado e o significante, entre a massa sempre flutuante das significações que circulam (...)” (Lacan, 1956/1998, p. 303).

Lacan chama a atenção para que esse ponto de basta seja o mínimo comum que permita a organização da experiência humana, “É o ponto de convergência que permite situar retroativamente e prospectivamente tudo o que passa nesse discurso” (LACAN, 1956/1998, p. 311). Essa amarração simbólica permite a formação de um laço social entre as pessoas, permitindo um compartilhamento. Braz (2016) explicita a relação entre esse conceito e o que Freud atribui à função paterna. “Pode ter sido essa essencialidade [do ponto de basta] que levou Lacan a articular o esquema do ponto de basta e a noção de pai em Freud, já que este, enquanto operador do Complexo de Édipo, se mostra estrutural à experiência humana (...)” (p,80). Essa operação necessária a todo infante metaforiza o desejo incongruente da mãe, balizando-o pelo significante fálico. Esse significante não se confunde com o objeto anômico pênis, embora esse seja o nome dado por Freud. Trata-se de um jogo de presença e ausência, que Freud teoriza como ter ou não o pênis, mas que se diz de uma condição simbólica. “O objeto fálico não é o pênis, mas um elemento significante que mediatiza a relação da criança com a mãe e da mãe com a criança” (Braz, 2016, p. 80). Em Lacan o significante fálico assume a categoria de ser primordial em relação ao desejo no triângulo edípico, cabendo ao pai ser o representante e o portador desse falo. Nesse sentido, na teoria lacaniana a função do Complexo de Édipo existe graças a função paterna que articula o falo e o enodamento da ordem simbólica.

Não por acaso Lacan apontam esse momento crucial como deficiente na constituição psicótica. Isso não significa que nos neuróticos esse complexo se resolve, mas a implantação da lei simbólica amarra o significante ao significado numa ordem que possibilita o deslizamento significante, “É justamente nesse sentido que o complexo de Édipo, na medida em que continuamos a reconhecê-lo como abarcando por sua significação o campo inteiro da nossa experiência, será declarado em nossa postulação como marcando os limites que nossa disciplina atribui a subjetividade” (Lacan, 1953/1998, p. 279), ou seja, a subjetividade ou a experiência do sujeito é determinada pelas condições significantes de sua história.

Nos delírios psicóticos o que está em jogo é o escancaramento da relação artificial entre o significante e o significado, no qual aquele toma uma forma por si mesmo, prescindindo do último (LACAN, 1956/2002). Na ausência de um significante primordial e que ordene (?) toda a ordem simbólica fica capenga. Nesse sentido, quando a cadeia significante desliza e outro significante é convocado, evidencia-se um furo, uma ausência, e a significação não se completa. Assim, pensando o ritornelo, conceito que Lacan (1956/2002) aponta n’*O seminário livro 3* como um dos modos de funcionamento característicos do

psicótico indicando como uma modulação linguageira característica do psicótico, a palavra assume um tessitura que impede que outro significante se enode como os elos de um corrente. A significação esgota por si mesma e impede o partilhamento com o outro da experiência do psicótico.

De toda forma o significante envolve a experiência humana em um mínimo comum que possibilita, de forma carente e canhestra, a comunicação. É por isso que o método psicanalítico se fia na palavra para incidir qualquer transformação no indivíduo que se dispõe a experimentar a psicanálise. É através da linguagem que o psicanalista pode fazer incidir alguma mudança, pois aquilo que o indivíduo reclama, e que leva para a análise tentando transformar, não é nada mais que um fenômeno de linguagem. Freud percebeu nas suas históricas que onde o sintoma se manifestava era por uma associação linguística, nunca por uma determinação biológica. O que é factível para o analista vislumbrar na sua prática é o interstício do sujeito, que escapa nas fraquezas do eu. Mas isso só é possível quando o analista é, também, mero significante na cadeia, que engendra outros significantes e insurge o espaço propício para o surgimento do sujeito. E isso não se faz com intencionalidade e muito menos com a busca de sentidos subjacentes. O sujeito não está no sentido, mas no significante, ele é apresentado pelo significante somente a outro significante (Lacan, 1964/2008).

Embora nos afastemos da investigação do conceito de estilo, os parênteses conceituais se fizeram necessário na medida em que a investigação sobre estilo *de* e *em* Lacan conclama essas investigações. No próximo capítulo buscaremos investigar como se pode minimamente definir um conceito de estilo, já que o próprio autor não o fez no decorrer de sua obra, embora dê pistas dispersas e algumas vezes contraditórias sobre o assunto. Para tanto a dissertação de Santos (2015) nos será de grande valia, uma vez que teve como objeto de estudo o mesmo que se apresenta nesse trabalho. Percorrermos juntos, portanto, aquilo que pode nos ajudar ao mesmo tempo em que nos afastaremos quando for necessário para a elaboração do presente trabalho.

2) Do Estilo

2.1) Em Lacan

Embora não seja completamente explicativa por si só, o percurso da obra lacaniana aponta para as mudanças de sua compreensão em relação aos fenômenos sobre os quais se debruça, culminando mais tarde em sua visão radical da psicanálise. Dessa forma, em sua tese chamada *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, de 1932, ele aponta que o seu trabalho tem como objetivo construir uma ciência da personalidade que apreende o sujeito sobre uma ótica objetiva (Santos, 2015). É interessante notar que Politzer, em seu livro *Críticas aos Fundamentos da Psicologia*, de 1928, critica a psicanálise argumentando que ela é uma teoria tautológica e subjetivista, já que Freud pressupõe o inconsciente, e ao mesmo tempo em que tenta explicá-lo, utiliza-o como parte da explicação (Politzer, 1928/1998). O prefaciador do livro, Osmyr Faria Gabbi Jr, doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), sendo, portanto, posterior ao estabelecimento da psicanálise lacaniana, aponta que nessa teoria se encontra a possibilidade de construção de uma psicanálise objetiva, ou seja, que leve em consideração a realidade existente em sua teoria, justamente porque, em

Lacan, a materialidade do significante é ressaltada (Gabbi, 1998). É possível observar certo fundamento para essa afirmação no contexto desse texto e em toda a extensão de sua obra.

Na sua tese, porém, Lacan indica que uma outra ciência, ou - como ele denomina - “complemento filosófico” (Lacan, 1932/2011, p.321), poderia abordar também a questão da personalidade. Ele apela à fenomenologia, campo ao qual ele tem profundas ligações, que poderia fornecer importantes dados para uma ciência da personalidade. Essa afirmação se dá antes do contato de Lacan com Kojève, que sabiamente o iniciará nas searas hegelianas, sendo os seus seminários um ponto de virada no pensamento lacaniano. Esse embate entre objetividade e fenomenologia vai marcar as discussões sobre estilo em sua obra, “a noção de estilo coloca-se justamente na encruzilhada entre essas duas perspectivas, na medida em que objetivam técnicas empregadas pela subjetividade única do artista” (Santos, 2015). Este autor aponta a importância da teoria hegeliana para a superação de certa pregnância imaginária no início da obra lacaniana e a dialetização da obra introduzida pelo simbólico.

As discussões entre sujeito e objeto na teoria kojéviana será um aporte fundamental que terá efeitos na compreensão de Lacan ao se tratar sobre o estilo.

Tomados isoladamente, Sujeito e Objeto são abstrações (...). O que existe na realidade — no momento em que se trata da Realidade-da-qual-se-fala; e visto que falamos de fato da realidade — só pode se tratar para nós de uma Realidade-da-qual-se-fala; digo, o que existe na realidade é o Sujeito-conhecendo-o-objeto ou, o que é a mesma coisa, o Objeto-conhecido-pelo-sujeito. (Kojève *apud* Santos, 2015, p.32)

Santos (2015) sugere que essa formalização da relação sujeito e objeto é o que permitirá o início do pensamento lacaniano sobre o simbólico que culminará no texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* de 1953. O simbólico que permitirá que Lacan e a própria Psicanálise que ele constrói saiam de uma certa fixidez no imaginário, pois insere a dialetização, que só é possível a partir do simbólico, na teoria. Essas reflexões terão profundo impacto na utilização e compreensão do autor do estilo.

O conceito de estilo tem momentos bastante irregulares na obra de Lacan. O mapeamento desse conceito dentro da própria obra lacaniana é importante para demonstrar como ele foi afastando de determinadas compreensões e sugerindo outras formas de interpretação. Seguiremos as coordenadas postas por Santos (2015), que em uma seção do seu trabalho se debruçou sobre essa empreitada, principalmente porque essa movimentação

histórica não é o foco principal do nosso trabalho, podendo, contudo, tirar consequências dessa investigação.

Não obstante a palavra estilo apareça, na década de 1950, com certa frequência, ela se liga muito mais à tradição estilística do que a um conceito próprio dentro da teoria lacaniana. Assim ele utiliza essa palavra para dizer sobre “estilo tradicional”, “estilo irônico”, “estilo enfadonho” ou, ainda, “estilo indireto” (Santos, 2015, p.36). Entretanto, mesmo com essa concepção colada aos discursos estéticos percebe-se uma transição entre esse atrelamento e a transição para uma concepção própria justamente quando Lacan toma os casos de psicose como égide para construção de sua teoria. Como já demonstramos anteriormente, já em 1933 com *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas de existência*, ele intenta aproximar esses três pólos: estilo, criação artística e psicose.

É o interesse sobre o autor Joyce que marcará uma profunda virada na sua compreensão desse conceito pela subversão empreendida pelo autor na linguagem e na literatura existente até então. Mais uma vez Lacan aproxima a criação poética e literária à psicose, e com isso traz à tona novamente o conceito de estilo. Em *A ciência e a verdade* (1966/1998), Lacan faz um elogio aos escritores, pois são aqueles que marcam a língua, principalmente através do estilo, ao mesmo tempo em que afirma que a ciência moderna tem como uma novidade uma questão de estilo (Lacan, 1966a/1998). Na exaltação aos autores percebe-se uma inflexão. O estilo, mesmo que de forma implícita, não se liga mais a uma habilidade pessoal do escritor, mas a sua capacidade de marcar a língua (não por caso a palavra estilo provém de *stylo*, um objeto-perfuro cortante utilizado para trabalhos de talhamento em madeira).

Em *A situação da psicanálise e formação do psicanalista* de 1956, Lacan é mais direto e articula inconsciente e estilo de forma direta. “Não há forma de estilo, por mais elaborada que seja em que o inconsciente não abunde”. (Lacan, 1956/1998, p. 469) Ao final da década 1950 o estilo se vincula definitiva e progressivamente a temáticas e impasses cruciais de seu ensino (Santos, 2015). No texto *A psicanálise e seu ensino*, Lacan escreve do “estilo do inconsciente” (Lacan, 1957/1998, p. 449). Ao final desse texto, ele afirma

Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo. (LACAN, 1957/1998 p. 460)

Esse momento é marcante, pois inicia um enodamento profícuo entre inconsciente e estilo, o que convoca a questão do sujeito já previamente discutida e que terá seus efeitos mais contundentemente evidenciados em um texto fundamental para compreender o estilo, trata-se da *Abertura*, no livro *Escrito* lançado em 1966 e que se trata de textos escritos por Lacan, ao contrário dos seminários, que eram palestras proferidas para uma plateia. Nesse início, Lacan cita Buffon, filósofo que se debruçou sobre a questão do estilo com a célebre frase “O estilo é o homem” (Buffon *apud* Lacan, 1966/1998, p.9). O filósofo, porém, é citado somente para ser desconstruído. Se Buffon afirmava que o estilo é o homem, o psicanalista vai afirmá-lo para distorcer, o estilo pode ser o homem desde que saibamos a que homem nos dirigimos (Lacan, 1966/1998).

Para entender a virada lacaniana é preciso, porém, apreendermos primeiramente o que a frase de Buffon significa e fazemos uma breve discussão de como essa questão se postou nos textos filosóficos. Iannini (2012) chama a atenção para que o discurso filosófico é marcado por um apagamento das interferências da subjetividade do escritor. Tirando os textos evidentemente biográficos, a figura do filósofo deve ser elidida da teoria. A ciência não ficou atrás e é raro perceber em algum de seus textos o sujeito que o escreveu. Há uma clara tentativa de estabelecer o conhecimento como a única evidência importante que deve ser veiculada nesses textos.

Buffon contrapõe a essa ideia vigente a concepção de que a importância de uma obra filosófica ou científica se dá pela marca do gênio impressa nelas. O conhecimento objetivo que elas carregam está posto no mundo e qualquer pessoa pode ter acesso a elas. Somente o verdadeiro gênio, porém, pode imprimir suas impressões nesse conjunto de fatos (Iannini, 2012). Percebe-se, portanto, que há um extremo subjetivismo na compreensão buffoniana de estilo. As características pessoais se sobrepõem à forma e às condições materiais e objetivas que possibilitaram a construção de determinada obra. Lacan, ao trazer esse adágio, entretanto, não corrobora essa ideia e por isso é que ele a subverte na medida em que estabelece outro estatuto para o homem ao qual Buffon se refere. “Mas não é dessa recuperação da expressão, a fim de devolver a vitalidade ao sujeito, que se trata quando falamos de estilo em Lacan” (Iannini, 2012, p.300). Tanto que mais tarde, em seu texto *Juventude de Gide ou a letra e o desejo* (1958/1998), Lacan é categórico e subverte completamente a afirmação de Buffon ao teorizar que “o estilo é o objeto” (p.751). Mais taxativo que explicativo, esse axioma necessita de maior exploração teórica para sua sustentação.

Quando Lacan apresenta o objeto como adágio do sujeito é de uma categoria particular de objeto a que ele se refere, qual seja o objeto *a*, que ele assume como sua única invenção conceitual em psicanálise. A elaboração da teoria sobre esse objeto se mescla à própria psicanálise lacaniana. Para tentar abordar esse conceito elegemos alguns momentos de sua obra assim como de leitores que possibilitam o seu esclarecimento. Embora por um lado essa estratégia possa tornar a conceitualização pretendida limitada, por outros dá limites explicativos para podermos operar no texto com esse conceito.

Em seu *Seminário livro 10: a angústia*, Lacan questiona a percepção comum sobre o termo causalidade. Se essa percepção toma como certo que no início de tudo há o sujeito e que só depois pode advir qualquer coisa como consequência dele, na teoria lacaniana o sujeito é efeito de algo que o precede e que Lacan propõe como o objeto *a*. “[...] esse objeto deve ser concebido como a causa do desejo. Para retomar minha metáfora [...] o objeto está através do desejo.” (Lacan, 1963/2005, p. 115). Dito de outra forma, o objeto *a* é condição de anterioridade ao sujeito. Uma vez que esse objeto não é materializável, não se encontra nas prateleiras da realidade, Lacan propõe que ele é fruto de um corte imprescindível e que é responsável pelo nascimento do sujeito, este entendido enquanto categoria conceitual psicanalítica.

A gênese desse objeto causa de desejo pode ser encontrada por um lado na teoria freudiana da perda do objeto e por outro na influência da teoria hegeliana no ensino de Lacan (Rabinovich, 2009). A perda do objeto fundamental em Freud fundamentou a sua teoria pulsional. No seu texto de 1915, *As pulsões e suas vicissitudes*, Freud dissecou a pulsão exibindo os elementos que a constituem. Ele se refere, então, a quatro elementos que são fundamentais na anatomia pulsional sendo eles: a pressão, o objetivo, o objeto e a fonte (Freud, 1915/2006). Se a pulsão se estabelece como limítrofe entre o corpo e o psiquismo é justamente porque sua energia emana do corpo, da erogenização pela linguagem desse corpo, exigindo do psíquico um trabalho que leve à satisfação. Freud chama a atenção para um diferencial da pulsão que se apresenta como uma força constante, pois não existe uma ação física do organismo capaz de apaziguá-la completamente. Existe em toda satisfação um resquício da energia pulsante incapaz de se apaziguar. Nesse sentido é que a satisfação pulsional é marcada pelo paradoxo da satisfação e insatisfação, uma vez que o modo de se satisfazer é não se satisfazendo totalmente, “[...] a satisfação humana sempre tem a borda do possível e do impossível [...] ao percorrer uma face, também se percorre a outra” (Burgarelli, 2003, p. 106).

Lacan n’*O seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* retoma o texto freudiano para reestabelecer a radicalidade desse campo de saber através dos seus conceitos básicos, entre eles a pulsão. Na releitura do texto freudiano ele escreve que “a primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida, é uma força constante” (Lacan, 1964/2008, p. 163). Essa afirmação visa estabelecer que não se encontra no horizonte pulsional balizamento pelos elementos da natureza, o que a contrapõe, por exemplo, a um suposto funcionamento instintual, que é regulado por ciclos biológicos. Lacan acentua a radicalidade da teoria das pulsões de Freud mostrando que o funcionamento psíquico é fiel a outros deuses que não a natureza.

Esbarra-se, nesse ponto, com a ausência de um objeto que consiga por si mesmo aplacar toda a energia pulsional, ou seja, um objeto de ordem natural que seja capaz de acabar com essa pressão constante. A perda desse objeto é mítica, uma vez que ele nunca foi possuído na filogenia, é a característica da universalidade da espécie, ou seja, compõe sua origem. Freud recorre às teorias vigentes à época para tentar dar origem a esse objeto, principalmente à teoria evolutiva, propondo que esse objeto foi perdido no desenvolvimento biológico da espécie humana. Essa explicação não visa dar um sentido de explicação, porém, faz pensar que aquilo que se chama de humano se dá num afastamento de qualquer possibilidade de ligação com a natureza. Conforme escreve Rabinovich (2009) “o nascimento mesmo do desejo por ação da ordem simbólica implica a constituição de um objeto que perde seu ser de objeto a perder suas propriedades naturais” (p.106). Ou seja, de saída o objeto de desejo do sujeito é fruto de uma instância simbólica. Nesse sentido os circuitos pulsionais são determinados pelos caminhos simbólicos da obtenção de prazer que Freud vai atribuir às primeiras experiências de satisfação da criança que possibilitam um modelo que mais tarde vai ser buscado. “Essa primeira experiência de satisfação torna-se o protótipo para as sucessivas tentativas de restituição do prazer alcançado”. (Braz, 2016, p. 88)

Lacan faz uma leitura dessa explicação freudiana diferenciando dois tipos de objetos *das Ding*, ou a Coisa, que se poderia pensar como o objeto totalizante da pulsão nunca alcançado e que por isso mesmo se torna o paradigma da satisfação ao mesmo tempo em que torna todos os outros objetos meros simulacros incapazes de satisfazer o sujeito. A compreensão da teoria do objeto se diferencia entre Lacan e Freud no sentido de que para o primeiro nunca houve essa experiência de satisfação (Goldenberg, 2014). Não existe um instante qualquer que seja em que o sujeito esteve fora da ordem simbólica e que pôde, portanto, atingir a satisfação e só posteriormente ele não pode mais alcançá-la. Não obstante o

que dá consistência a esse objeto no aparelho psíquico é as sucessivas tentativas de alcançá-lo. “Esse objeto perdido simplesmente nunca existiu, o que o eleva a essa categoria é apenas a sua procura”. (Braz, 2016, p. 89)

Na retomada dos textos de Freud, Lacan nota que o pai da psicanálise se utiliza de duas expressões alemãs diferentes para se referir ao objeto. Por um lado temos *das Ding* e por outro *das sache*. Mais do que nomeações diferentes, o que Lacan propõe é que se tratam de duas experiências diferentes em relação ao objeto e que não podem ser confundidos como a mesma coisa. Enquanto a Coisa se trata daquilo que escapou à representação, mas que ao mesmo tempo é a rosa dos ventos que direciona a satisfação do desejo, *das sache* está inserida no simbólico, é fruto da linguagem.

A *sache* é justamente a coisa, produto da indústria ou da ação humana enquanto governada pela linguagem. Por mais implícitas que estejam inicialmente na gênese dessa ação, as coisas estão sempre na superfície, estão sempre ao alcance de serem explicitadas. Na medida em que é subjacente, implícita, em toda ação humana, a atividade, da qual as coisas são os frutos, é da ordem do pré-consciente, ou seja, de algo que nosso interesse pode fazer vir à consciência, com a condição de prestarmos bastante atenção a ela, de a notarmos. A palavra encontra-se aí em posição recíproca, visto que se articula, que vem aqui explicar-se com a coisa, visto que uma ação, ela mesma dominada pela linguagem, até mesmo pelo mandamento, o terá, este objeto, destacado e feito nascer. (Lacan, 1960/1991 p. 61)

Enquanto *das sache* é fruto da linguagem, já se apresenta em um outro momento da constituição do sujeito, a Coisa, ela só pode surgir em outro momento, ela não é um a priori da experiência. É somente no após que *das Ding* passa a existir e seu lugar vai sendo ocupado por outra coisa. Para Lacan ser um ser de linguagem é necessariamente ser afastado do nirvana, mesmo que mínimo, da experiência primária. Esboça-se assim a concepção de que o objeto da satisfação é sempre outro, sempre há uma busca, nunca um encontro. Essa busca, porém, se dá através de significantes que, contraditoriamente, excluem cada vez mais a possibilidade de satisfação. “A lei simbólica é correlata à exclusão da Coisa, que passa a ser interdita pelo simbólico” (Braz, 2016, p. 90). *Das Ding* se torna, então, um polo que atrai a cadeia significante em seu entorno. Esse furo, que tem seu correspondente nos buracos corporais e que terão suas beiradas erogenezadas, ou seja, as zonas erógenas, se torna um parâmetro para o funcionamento do inconsciente. O circuito pulsional passa por essas zonas, possibilitando para *das Ding* emergir na forma de objetos parciais, denominado por Lacan como objeto *a* (Lacan, 1964). A satisfação pulsional, portanto, não tem outro caminho a não ser se regular pelas coordenadas significantes para atingir a satisfação, que é sempre marca de insatisfação. “[...] para Lacan o que regula, o que faz as normas de satisfação humana é uma

gramática(?), em outros termos, ela estabelece o modo como culturalmente o homem vai exercer sua sexualidade, isto é, satisfazer sua pulsão” (Burgarelli, 2003, p.105).

O objeto *a* é o que faz balizamento entre *das Ding* e o Outro. Por ser sempre marcado por um furo, uma incompletude, uma inadequação, o objeto *a* apresenta, portanto, uma dimensão de real, daquilo que escapa à linguagem. Ao doar esse objeto ao Outro, a criança sente, pelas formas corporais que esse objeto assume, como se desse ao Outro parte de si mesmo. Lacan chama atenção a esse fato no desmame, quando o infante renuncia ao seio ele sente como se fosse parte dele que estivesse indo embora (Lacan, 1963/2005). O objeto *a* é aquilo que o sujeito dá atendendo a demanda do Outro. No limite, o que a criança percebe é que ela nada mais é que um objeto para esse Outro, constitutivo do seu ser na medida da impotência do infante, e isso é causador de angústia e que será retomado no que Lacan compreende como estilo. Lacan escreve que a angústia em nível de demanda se dá justamente por “não saber que objeto *a* sou(?) para o desejo do Outro” (Lacan, 1963/2005, p. 353).

A relação entre eu e Outro evidencia a influência da teoria hegeliana na construção da teoria do objeto que pode ser perceptível em Lacan no seu discurso de Roma e na sua concepção de desejo. Ao propor que a satisfação do sujeito está ligada ao reconhecimento do outro, Lacan se afasta de uma pregnância imaginária do objeto, presente, por exemplo, em seu texto *O estágio do espelho como formador da função do eu* de 1949. Nesse sentido, não está em questão a posse ou não de um objeto materializado, mas a incidência no campo psíquico da predominância do outro, em um primeiro momento entendido como outro humano, na constituição do campo simbólico, característico do desejo. Nesse sentido, a satisfação humana está sempre incluída na dimensão simbólica “ser reconhecido é a satisfação própria desse desejo inconsciente que insiste na cadeia significante e, por isso, o objeto do desejo, é o reconhecimento” (Rabinovich, 2009, p. 109). Podemos referenciar o conceito hegeliano de alteridade para construção dessa teoria do objeto e, conseqüentemente, do desejo.

Nesse apanhado, Lacan formula a existência, não pela materialidade, mas pela incidência desejante de um objeto que estivesse na ponta da cadeia, propulsionando a atividade pulsional. Esse objeto é um vazio, um lugar vazio que conchama significantes para bordeá-lo. Dessa maneira o que resta para a pulsão é lambe os objetos sem nunca engoli-los já que nada satisfaz a sua fome. “[...] [o objeto] na sua função de objeto *a*, causa do desejo como eu trago sua noção – devemos dar uma função tal que pudéssemos dizer seu lugar na satisfação da pulsão. A melhor fórmula nos parece ser esta – que a pulsão o contorna” (Lacan, 1964/2008, p. 166). Esse objeto, então, é paradoxal na sua estrutura uma vez que ao mesmo tempo em que causa o desejo é a marca de sua eterna irrealização.

O objeto *a* enseja o corte necessário na formação do sujeito na teoria lacaniana que mais tarde possibilitará a aproximação entre sujeito e objeto na questão do estilo. Lacan argumenta que a pulsão só pode se satisfazer a partir de uma gramática dada pelo Outro, essa é a instância da linguagem a quem o sujeito credita sua existência. Esse Outro, grafado em letras maiúsculas, ao mesmo tempo em que não pode ser equalizado a nenhum indivíduo da realidade do sujeito pode ser fantasiado em pessoas fundamentais, embora inconscientes, na constituição subjetiva, como a mãe, por exemplo (Laurent, 1997).

Na teoria de Lacan, o processo de passagem de um infante para um ser de desejo necessita da sujeição em um primeiro momento a esse Outro. A criança, tanto por uma limitação orgânica, mas também por uma inconsistência psíquica, está subjugada a um desejo totalizante do cuidador, seja ele quem for. Portanto, a sua existência enquanto ser está condicionada ao desejo de um Outro que lhe parece completamente disparatado e que assume para ele um lugar que emana as significações para aquilo que lhe aflige. A criança logo percebe que o choro não é garantia de alimento, nem de qualquer coisa. Não há segurança que sua satisfação virá no próximo momento. Embora ela tente mapear a realidade, suas funções cognitivas ainda não está suficientemente maduras para conseguir extrair da realidade uma ordem de sentido. Freud vai apontar que nesse primeiro momento o pequeno ser divide a realidade em dois mundos, o interno, que carrega todas as fontes de prazer e satisfação, e o mundo externo, pautado pelo desprazer.

Em Lacan, essa sujeição ao Outro faz parte de um processo denominado alienação. O Outro fornece os significantes com que se pode fazer ser de desejo. Esse processo, entretanto, é paradoxal, pois, embora necessário, já que garante a sua sobrevivência uma vez que sem ele a própria constituição subjetiva está ameaçada já que o indivíduo é incapaz de se manejar na realidade, sem essas coordenadas simbólicas advindas do outro, aprisiona a pessoa em uma série de congelamentos simbólicos na sua constituição. O sujeito, então, é fruto de identificações feitas pelos significantes advindos do Outro. “O sujeito é fundamentalmente um objeto de gozo do Outro, e seu primeiro status como *enfant* é ser uma parte perdida desse Outro [...]” (Laurent, 1997, p. 43). Este, porém, é incapaz de compor toda a representação possível para o sujeito. Isso se dá, justamente, pela forma como a linguagem se estrutura na experiência humana. Nesse sentido, esses espaços que escapam da significação formam os objetos *a* aos quais a criança se identifica.

Se o Outro é entendido como o tesouro dos significantes, ou seja, aquele que fornece as coordenadas simbólicas para se situar no mundo, a sua possibilidade de apreender a

realidade é limitada. Essa ideia se liga intimamente à impossibilidade de haver metalinguagem. Se a linguagem não é mais funcionalista, ou seja, não serve somente para representar os objetos do mundo, mas cria ela mesma uma nova realidade, ela se depara com uma barreira, com um indizível, qual seja, o da realidade sexual. Resta, portanto, um tanto do próprio sujeito que não é abrangido pelos significantes do outro, o sujeito é formado por um não-todo. “A primeira falta se relaciona com o fato de que o sujeito não pode ser inteiramente representado no Outro; sempre há um resto, que define o ser sexualmente definido do sujeito, Não se pode apresentar aí todo o sujeito” (Laurent, 1997, p.37). Toda a potência da psicanálise de Lacan se apresenta nesse meandro. Se o sujeito, embora asujeitado ao Outro, é composto por um não-todo, é justamente o espaço que há para a passagem de um indivíduo de demanda para um sujeito de desejo.

Nesse contexto surge a possibilidade de gozo dentro da teoria lacaniana. Esse conceito, em psicanálise não se confunde com o de prazer. A genealogia desse conceito pode ser apreendida em Freud em seu texto *Mais além do princípio de prazer* de 1920 onde o autor postula que o princípio do prazer, que antes era o único fator que direcionaria o desenvolvimento psíquico, passa a se tornar uma tendência. Não por acaso Lacan incita os seus ouvintes a ler Freud tendo como parâmetro esse texto (Goldenberg 2014). A partir de alguns fenômenos recorrentes em sua clínica, como os sonhos traumáticos, isto é, alguns acontecimentos da vida dos pacientes que foram fruto de extremo desprazer, mas que apareciam recorrentemente nos sonhos, Freud percebe que há uma contradição entre esse funcionamento e a ideia de que o aparelho psíquico funcionaria só para obtenção de prazer. Por esse motivo a obtenção de prazer seria mais uma direção do que um objetivo. Nesse texto ele propõe que para além desse princípio há um elemento que, mesmo causando desprazer, ainda insiste em ser recorrente. É dessa forma que a pulsão de morte aparece na teoria psicanalítica. O gozo estaria relacionado a essa modalidade pulsional. “Lacan estabelece uma distinção entre prazer e gozo, pois o gozo apresenta uma tentativa constante de ultrapassar os limites do princípio de prazer [...]” (Jorge, 2010/2013, p. 245).

O gozo seria, então, a insistência em tentar encontrar a Coisa, ou seja, o objeto perdido da pulsão. Dizer que ele é perdido é uma forma de formalizar o conceito, pois ele nunca existiu. Lacan retira esse conceito do *Projeto para uma psicologia científica* de Freud (1985). Freud interpreta a satisfação em dois polos distintos, um que se presentifica no corpo e outro que é da ordem do inassimilável, que ele nomeia de *das Ding*. Lacan retoma essa experiência de satisfação na sua teoria para formular a ideia da Coisa perdida. Como a criança está

asujeitada ao Outro na sua formação, o objeto de satisfação dado por essa instância ultrapassa a necessidade, passando algo a mais, algo da ordem de *das Ding*. “O objeto, ao passar pelo Outro, pela cadeia significante, não pode mais ser assimilado por completo pelo sujeito, excluindo qualquer possibilidade de falarmos de um desejo natural. Algo do Real do objeto, de *das Ding*, atravessa a experiência do sujeito” (Lucero, Vorcaro 2013, p. 27). Esse atravessamento pode ser apreendido no objeto *a*, que comporta um resto de real não podendo, portanto, ser completamente assimilável ao significante, o que comporta uma parcela de gozo (Braz, 2016).

Buscando apreender as dimensões da falta na obra freudiana, Lacan propõe a dialética da tríade entre necessidade, demanda e desejo, que comporta um esforço além das possibilidades do presente trabalho. Entretanto, uma passagem, mesmo que rápida e aberta a imperfeições auxilia na compreensão desse momento crucial para a formação subjetiva. N’*O seminário livro 5: as formação do inconsciente* no qual abordar essa problemática Lacan propõe que de saída a dimensão da pura necessidade está perdida, ou melhor, se ela existe é um momento de pura ficção e serve para engendrar a chamada simbólica que o indivíduo faz ao Outro quando se clama por aquilo que se aparenta como natural. “O que é uma demanda? É aquilo que, a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro” (Lacan, 1958/1999, p. 91). Pensar, então, em um momento de pura necessidade é postular a existência de um momento pré-verbal, ou seja, algo que se manifeste no corpo pulsional e que clame o outro sem, contudo, passar pela ordem simbólica.

A dimensão da demanda, então, é possibilitada pelo funcionamento significante, o que envolve inexoravelmente o Outro. Em outras palavras, a demanda é dirigida a ele e pode ou não ser atendida. Isso eleva o apelo a outro nível que não seja o de atender ordens naturais que emanam do corpo, o que leva a pensar que, embora o bebê chore de fome, não é pelo leite que ele clama. O que se percebe é que o funcionamento pulsional, postulado tanto por Freud quanto por Lacan, encontra corroboração no desenvolvimento infantil na medida em que a natureza é incapaz de satisfazer com o que quer que ela forneça à demanda do infante. Aprofundada a reflexão sobre a questão da necessidade na criança, o funcionamento significante a eleva para outro nível de funcionamento, já que envolve por um lado a possibilidade de o Outro não atender ao chamado e por outro a demanda ser de outra coisa que não um objeto.

Ora, o que devemos considerar aqui, pelo lado da demanda, não pode exatamente se confundir com a satisfação da necessidade, pois o próprio

exercício de qualquer significante transforma a manifestação dessa necessidade. Mediante o concurso do significante, introduz-se nesta um mínimo de transformação [...] que faz com que aquilo que é significado seja algo para além da necessidade bruta, que seja remodelado pelo uso do significante. Por conseguinte, desde o começo, o que entra na criação do significado não é uma pura e simples tradução da necessidade, mas uma retomada, reassunção, remodelagem da necessidade, criação de um desejo outro que não a necessidade. É a necessidade mais o significante (LACAN, 1958/1998, p.93).

O desejo se insere na cadeia da demanda sem, contudo, se igualar a ela. Se o Outro atende minimamente à demanda do indivíduo, não o satisfaz na sua completude, já que ele não possui o objeto, que não existe, para suplantar todo o impulso dirigido a ele. Há sempre uma defasagem entre aquilo que é exigido e aquilo que é recebido. Nessa operação cai um resto, um tanto não simbolizável pelo Outro, já que ele não possui significantes capazes de fazê-lo, a isso que sobra chama-se objeto *a*. Portanto, o objeto *a* é a base da possibilidade da emergência do desejo, pois ele é aquilo mesmo que o produz. Assim Lacan (1958/1998) discorre sobre o desejo

O que é o desejo? O desejo é definido por uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que ela pode introduzir aqui de perturbações (p. 94).

O desejo é, então, resultado de uma transformação que se inicia, miticamente, pela introdução do infante na ordem simbólica, mas aponta justamente para aquilo que essa ordem deixa escapar.

O objeto *a* é marca de que há uma falta ontológica inserida no Outro. Entretanto, embora produza efeitos, essa marca é recalcada. Todavia, é através dela que se pode produzir uma segunda operação subjetiva que é a separação. Laurent (1997) aponta que a discussão sobre alienação e separação é fruto de um debate teórico da França, principalmente na década de 1950. Como a teoria lacaniana já tinha um grande reconhecimento na comunidade intelectual francesa, certas subversões já se iniciavam no seu ensino, o que é verificado pela concepção do objetivo analítico proposto pelos seus seguidores. A possibilidade mais aceita era justamente a que evidenciava a alienação. Desse modo, o analista devia mapear os significantes aos quais ele se alienou na sua história e desvendar os sentidos subjacentes a essa fixação.

O que Lacan propõe é que o trabalho não deve ser limitado a isso. Ele deve, sim, se iniciar por aí, mas não se deter nesse ponto. “O sujeito tem que ser conduzido ainda através de

um outro labirinto, não o de suas identificações, mas o de seus modos de gozo — as maneiras pelas quais ele transforma o outro que ama em um objeto.” (Laurent, 1997, p. 40) O sujeito, portanto, momento evanescente da clínica psicanalítica, deve ser abordado de viés. Lacan propõe que a interpretação analítica devia visar ao objeto de gozo, mas não de forma direta, senão haveria a fixação do gozo aprofundando a alienação. Com a separação, se abre a possibilidade da clínica incidir sobre a criação, já que o objeto *a* é posto em evidência, o que tem profundas incidências na questão do estilo. “Há uma virada de perspectiva no tratamento do estilo por Lacan: do Outro, passa-se ao objeto *a*” (Santos, 2015, p. 48).

Isso se confirma no próprio texto *Abertura* quando Lacan afirma

É o objeto que responde à pergunta sobre o estilo que formulamos logo de saída. A esse lugar que, para Buffon, era marcado pelo homem, chamamos de queda desse objeto, reveladora por isolá-lo, ao mesmo tempo como causa de desejo em que o sujeito se eclipsa e como suporte do sujeito entre verdade e saber. (LACAN, 1966/1998, p. 11)

Iannini (2012), comentando essa passagem, observa que há o abandono completo de uma estilística do sujeito. Já não está mais em jogo uma qualidade do discurso ou qualquer análise de conteúdo. Não é possível afirmar que haja “estilística da existência ou uma estética da subjetividade em Lacan, pela simples razão de que ‘o estilo é objeto’, e não o sujeito” (p.306). O sujeito é elidido da operação justamente porque em sua constituição a posição fundante é a de objeto do Outro, posição essa que foi recalcada, e que retorna sub-repticiamente em momentos de angústia, por exemplo.

Esse momento é evidenciado no fenômeno de fim de análise e se apresenta como crucial para discutir o estilo. É interessante observar as diversas imagens lançadas para dar conta desse momento analítico. Freud recorre ao rochedo da castração (Freud, 1937/2006), Lacan diz em travessia da fantasia, queda do sujeito, esvaziamento imaginário (Iannini, 2012). O estilo, então, é uma tentativa de formalizar esse momento e os efeitos produzidos no analisante. Embora o estilo, como afirma Lacan, se ligue ao objeto, isso tem efeitos na vida do analisante que se apresenta no tratamento psicanalítico, ou seja, os efeitos da análise se dão em uma pessoa particular. Tentar teorizar sobre esse momento apresenta a dificuldade inerente própria a inclusão da psicanálise no roll das ciências, já que se refere ao próprio objeto de estudo desse campo de saber.

O tema do fim de análise, não por acaso, acompanha toda a obra freudiana. Se, como ele afirma, em Psicanálise pesquisa e tratamento andam juntos (Freud, 1912a/2006), os

avanços e flutuações da teoria psicanalítica representavam modificações tanto na técnica quanto no objetivo da análise. Tanto que nos primórdios de suas teorizações, a hipnose era empregada por Freud no tratamento das chamadas doenças nervosas. Essa técnica vinha de uma tradição que propunha que a influência do médico seria capaz de gerar mudanças significativas no paciente, sendo capaz, inclusive de uma cura de sintomas psíquicos (Garcia-Roza, 1984). Charcot, mestre de Freud nesse período, foi um entusiasta desse instrumento. Quando da visita de Freud a Paris para averiguar as novidades desenvolvidas pelo médico francês participará de sessões de supressão e implantação de sintomas através da hipnose.

Na sua clínica particular Freud lança mão dessa técnica de tratamento, porém, logo se depara com dois empecilhos. O primeiro era a dificuldade de alguns pacientes em se entregarem à hipnose, o que lhe impossibilitava o acesso ao tratamento e restringia imensamente o acesso à psicanálise enquanto tratamento. O segundo empecilho é que Freud percebeu, também, que após algum tempo, os sintomas que haviam sido eliminados por esse método retornavam tanto da mesma forma, quanto por outra encenação. Isso significava que a mera rememoração dos fenômenos traumáticos que deram origem aos sintomas, que era o objetivo do método hipnótico, não era suficiente para a eliminação das queixas do paciente. Desse modo, ele abandona o método hipnótico na sua clínica, pois ele já não era mais capaz de lidar com as demandas que a prática exigia.

O abandono da hipnose se justifica pela compreensão própria daquilo que Freud passou a entender sobre o inconsciente. O seu papel era fazer com que os pacientes retomassem a consciência fatos que por algum motivo se tornaram traumáticos e foram esquecidos durante a sua história de vida. Havia uma compreensão sobre os sintomas inerente a esse método. Esses eram causados por um esquecimento dos fatos que o geraram. Assim, a rememoração trazia à consciência esses acontecimentos e a energia que gerou os sintomas e que ainda estavam investidas nas lembranças seria descarregada enfraquecendo a lembrança traumática. O objetivo era essa dispersão energética já que após o fim da hipnose o paciente não se recordava daquilo que tinha sido feito durante o tratamento. Havia aí uma compreensão dicotômica do que seriam os pensamentos conscientes e pensamentos inconscientes e que se contrapunham àquilo que Freud estava apreendendo de sua clínica e construindo em sua teoria.

Para ele, essas duas instâncias não eram separadas, mas viviam em conflito. O inconsciente, por um lado seria o reduto dos elementos insuportáveis ao sistema psíquico, que

lhe causariam desprazer e que, por isso, deveriam estar apartados da consciência. Entretanto, esses elementos, dotados de energia, tentariam constantemente advir à consciência, sendo que há um conflito permanente entre essas duas instâncias, o que causa um dispêndio de energia psíquica por parte do eu indivíduo, com intuito de manter a eficiência do reclaque. Essas barreiras não são impermeáveis, havendo, intromissões ao sistema consciente dos elementos inconscientes. Dessa forma, é que há formações do inconsciente e possibilidade de vislumbrá-los. Ou seja, o que Freud percebe é que sonhos, lapsos de fala e sintomas, são indicativos do conflito do aparelho psíquico e não mera casualidade. A consciência, para Freud, é um sistema secundário criado a partir de um impedimento, uma clivagem que impede aquilo que seria traumático para o psiquismo de advir. Ao mesmo tempo, o inconsciente seria esses elementos afastados da consciência, e também o fato de afastá-los já que esse conflito não se dá à luz da consciência.

A hipnose foi fundamental na história da psicanálise. Foi a partir dela que Freud foi capaz de perceber a força da atuação de representações inconsciente. Se o paciente era capaz de executar uma ordem dada no estado hipnótico pelo hipnotizador é porque, mesmo essa injunção não estando na sua consciência, ela ainda produzia efeitos apesar de inconsciente. Nas palavras de Freud (1912b/2006)

É praticamente impossível descrever esse fenômeno de outro modo a não ser dizendo que aquela intenção estava disponível de forma *latente* ou *inconsciente* na psique e se tornou consciente assim que o momento determinado chegou (p.84).

Ao escutar suas pacientes, Freud, entretanto, percebeu que havia algo que essa forma de tratamento não conseguia abarcar. O inconsciente ainda permanece com um significado latente de algo que está fora da consciência. A passagem dessa compreensão adjetiva do inconsciente para uma forma mais complexa que está na base da teoria psicanalítica, se dá através do método hipnótico. Escutando seus pacientes ele percebe que algo a mais está em jogo. Ainda segundo Freud (1912b) “(...) podemos apreender mais com um experimento desse tipo. Ele nos leva de uma visão puramente descritiva para uma visão dinâmica do fenômeno.” (p.84). É no tratamento de sua paciente, Anna O, que há uma estruturação daquilo que viria a ser o método psicanalítico de acesso ao inconsciente, a associação livre, e o abandono definitivo do método hipnótico. Após uma injunção dessa paciente pedindo para que Freud a deixasse falar, ele percebe que qualquer tratamento possível às mazelas que assolavam suas pacientes, seria somente pela fala dita nas sessões que ele conseguiria vislumbrar os conflitos que as lembranças inconscientes manifestavam através dos sintomas das suas (?) pacientes.

Essa é, portanto, a essência da associação livre: que o paciente fale aquilo que vier a sua mente sem se preocupar com questões de sentido. Visa-se, assim, que as defesas desse paciente possam ser relaxadas e alguma coisa do inconsciente possa advir. Nesse momento o que aparece enquanto fenômeno clínico é o sujeito, em sua forma pura, ou seja, não camuflado pelas suas certezas egóicas ou identificações imaginárias com os significantes do Outro. Por esse motivo é que se diz que o sujeito é um momento, um acontecimento, um dado passageiro e que não pode ser apreendido enquanto um elemento formal, já que todas as vezes que se tenta apontá-lo ele escapa à apreensão.

Essa compreensão de inconsciente é inédita e inaugural (Garcia-Roza, 1984). A primazia da consciência, cuja tradição filosófica moderna elegeu como a representante daquilo que se considerava, por excelência, humano, foi colocada em cheque. Há outro sistema psíquico a que o eu não tem acesso e que determina na sua vida de modo mais decisivo que a própria consciência. Essa compreensão freudiana de indivíduo governado pelo inconsciente e não dono de si em sua própria casa consciente encontrou a mais fervorosa resistência no mais diversos âmbitos do conhecimento (Žizek, 2010).

Freud em seu texto *O inconsciente* de 1915, que faz parte do seu conjunto de artigos chamados de metapsicológicos, que abarca os conceitos mais importantes da teoria psicanalítica, ao mesmo tempo em que sintetiza a sua compreensão de inconsciente a amplia (Garcia-Roza, 1995). O autor estabelece ao longo do texto as três formas que se pode compreender como se manifestam nas pessoas os fenômenos inconscientes. Pode-se compreender o inconsciente como tópico, ou seja, como a ideia se encontra em relação à consciência, de forma econômica, da forma como as manifestações inconscientes entram na lógica da economia libidinal do aparelho psíquico, que o leva a ganhos e perdas, e, por fim, a forma dinâmica, que é como as manifestações inconscientes têm a sua própria lógica (Freud, 1915/2006). Pensar em um tratamento clínico que envolva as três dimensões desse conceito permitiu que Freud, sem abandonar o método da associação livre, pensasse no objetivo da análise.

Ao final de sua vida, no texto *Análise Terminável e Interminável* de 1937, ele ainda se questionava se a análise realmente produzia algum efeito na vida dos seus pacientes e quais eram as extensões dessa transformação. Ele é categórico ao afirmar que a psicanálise não tem nenhum efeito profilático, ou seja, que uma análise garantiria que o analisante, frente ao mesmo fenômeno que o levou a desenvolver seus sintomas, saberia lidar com isso de forma

menos patológica. Levando-se em conta o fator quantitativo dos eventos traumáticos é impossível garantir que o eu do paciente tenha sido tão profundamente alterado pelos efeitos de uma análise a ponto de conseguir a partir de então estabelecer outra relação com a realidade. O que Freud argumenta é que “Só podemos consolar-nos com a certeza de que demos à pessoa analisada todo o incentivo possível [...]” (1937/2006, p.270).

Um questionamento importante feito nesse texto e que se liga ao desenvolvimento do conceito de estilo é o que seria o término de uma análise. De um ponto de vista bastante simplório, uma análise tem seu fim quando analista e analisante param de se encontrar em um determinado horário da semana a fim de darem prosseguimento ao tratamento. Entretanto, o que realmente deve ser questionado é o que acontece ao final de uma análise para que seu fim possa ser decretado. Freud aponta alguns indícios que podem indicar esse término. O primeiro e mais óbvio é quando o paciente não sofre mais com os seus sintomas, ele consegue levar uma vida razoavelmente normal. Outra possibilidade é que “[...] o analista julgue que foi tornado consciente tanto material reprimido, que foi explicada tanta coisa ininteligível, que foram vencidas tantas resistências internas, que não há necessidade de temer uma repetição o processo patológico em apreço.” (Freud, 1937/2006, p.235). Continuando com seus argumentos, ele afirma que há outro objetivo mais ambicioso em descrever um término de análise, que é o fato de que o tratamento tenha efetivado uma transformação tão profunda e completa no aparelho psíquico do paciente que não se possa esperar nenhuma transformação posterior por parte do paciente, o que torna a continuação da análise fator irrelevante.

Logo após propor essa possibilidade, ele afirma que nenhuma experiência clínica pode produzir tal efeito já que o sucesso do tratamento é condicionado por diversos fatores, inclusive a própria constituição do aparelho psíquico. Ora, se há o funcionamento pulsional e o inconsciente é tomado em suas três vertentes, tópico, econômico e dinâmico, o efeito totalizador de uma análise é, de saída, impossível. “É possível, mediante a terapia analítica livrar-se de um conflito entre um instinto e o ego, ou de uma exigência instintual patogênica ao ego de modo permanente e definitivo?” (Freud, 1937/2006, p.240), ele se pergunta. Um parêntese se faz necessário já que a tradução americana do termo alemão *trieb* se deu pelo equivalente em português do termo instinto. Embora as discussões sobre esse conceito transcendam os limites desse trabalho, optamos por citar literalmente a tradução do inglês e, portanto, manter o termo instinto, mas teoricamente lidando com o termo em sua forma pulsional. Isso é importante, pois o que Freud responde é que, justamente por lidar com

pulsão, não se pode acreditar que o eu seja capaz de suplantar completamente essas exigências.

O que Freud propõe como prática clínica é não impossibilitar que a pulsão insista e reapareça, o que poderia ser feito idealmente através de um fortalecimento do recalque, pelo contrário, o que Freud propõe é que o eu e a pulsão se tornem de certa forma mais íntimos e que a influência dessa instância psíquica sobre as moções pulsionais seja de tal forma que ela não precise seguir um caminho alternativo e, algumas vezes, destruidor para sua satisfação (Freud, 1937/2006). Essa consideração é importante, pois evidencia um objetivo analítico. Como essa influência jamais pode ser definitiva e o efeito de viver pode trazer outros elementos que impedem a continuidade dos ganhos feitos em uma análise, o que Freud propõe é que toda análise é terminável na medida mesmo em que é interminável. Ou seja, ela pode chegar a um fim, só que este é sempre frágil, passageiro. Tanto que, anos antes em seu texto *Recomendações aos médicos que exercem psicanálise* de 1912 e que faz parte de um conjunto de artigos intitulados artigos sobre técnica, ele recomenda que os analistas retornem a suas análises pessoais a cada cinco anos, já que o fato de atenderem constantemente seus pacientes torna os efeitos das terapias pessoais um tanto quanto evanescentes (Freud, 1912b).

Esse tema será retomado por Lacan, tanto em relação à direção do tratamento quanto em relação à teorização sobre o fim de análise. No texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* de 1953, por exemplo, o que está em jogo é a incidência da prática clínica psicanalítica através daquilo que lhe é próprio, a fala do analisante, como fica claro no trecho “Pois a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização no ser. Desconhecer isso é condenar a descoberta ao esquecimento, a experiência à ruína” (Lacan, 1953/1998, p.276). Para além desse texto a própria construção da teoria psicanalítica lacaniana é um enfrentamento aos desmontes da teoria de Freud feita pelos seus discípulos, que imaginarizavam a relação analítica, por exemplo, explicando as interpretações feitas durante o tratamento (Laurent, 1997).

O tema do fim de análise também esteve no centro da teoria de Lacan. Sua formulação sugere que ao fim da análise há a travessia da fantasia. Esse conceito acompanha a psicanálise desde a sua fundação. Um dos momentos marcantes da história psicanalítica é a que Freud passa da teoria da sedução para a fantasia de sedução. No início dos seus atendimentos ele se deparou diversas vezes com o quadro do pai da analisante, de alguma forma, cometendo

abusos em relação à filha. Freud por algum tempo chegou a acreditar que se tratasse de um evento da realidade, ou seja, que realmente tivesse havido um abuso durante a infância. Com o decorrer de sua clínica e após muita fala transcorrer no consultório, ele percebe que o abuso de fato não tinha acontecido na realidade, mas que se tratava de uma fantasia pessoal que demonstrava o desejo incestuoso da criança em relação ao cuidador. Esse elemento fez com que Freud mudasse sua ideia de que houvesse um momento sexual da vida da analisante em que o sexo tivesse sido traumático para a teoria de que a relação sexual é traumática de qualquer forma. O psicanalista Coutinho Jorge aponta a importância desse momento e a apreensão de Lacan dessa parte da teoria freudiana da seguinte forma “[...] Freud pôde se deslocar da concepção de trauma sexual para a do sexo traumático. Lacan valorizou muito especialmente esse momento da obra freudiana e falou da noção de trauma como contingência.” (Jorge, 2010/2013, p.241)

Se o Outro não fornece todas as possibilidades representativas para o sujeito há uma falta inerente a ele que o aparelho psíquico insiste em recalcar. Essa carência, que se manifesta em momentos primordiais de desprazer, enseja fantasias por parte da criança de uma satisfação completa atingida anteriormente. A fantasia é uma forma, portanto, de defesa do psiquismo em relação à incognoscibilidade da realidade. “A fantasia constitui a realidade psíquica para cada sujeito, ela mediatiza o encontro do sujeito com o real.” (Jorge, 2010/2013, p. 242). A fantasia, portanto, determina a forma com que a pessoa lida com a realidade, determinando suas formas de gozo. Os elementos constitutivos da fantasia são dados pelo Outro nas primeiras experiências de satisfação. Essa posição do Outro é paradoxal. Se ele fornece os elementos que possibilitem a satisfação do indivíduo, o que o estrutura psiquicamente, afastando-o do real, ao mesmo tempo demarca ao sujeito os limites da simbolização, mostrando o que o desejo tem de real orbitando em seu entorno, como um Ícaro que cai ao chão ao aproximar demasiadamente do sol do sem sentido.

[...] ao mesmo tempo que cria novos trilhamentos e afasta o sujeito de *das Ding*, do real, o simbólico também é responsável por melhor demarcar esse lugar, criando em torno dele um vacúolo de atração irresistível, em torno do qual o sujeito se põe a fantasiar. (Lucero, Vorcaro, 2013, p. 28)

A teoria da fantasia em Lacan está intimamente relacionada ao que ele considera final de análise. Para o psicanalista francês a análise, quando finalizada, levaria inexoravelmente o sujeito a se deparar com a inconsistência do Outro na estruturação do seu desejo. É nesse ponto que o sujeito apela ao Outro e ele não responde, fazendo com que o sintoma perca sua razão de ser. Esse acontecimento não é da ordem do saber, da consciência, é algo que ocorre e

o sujeito só tem possibilidade de vislumbrar. Surge, então, a possibilidade de descolamento entre sujeito e Outro, um campo fértil para a criação. As formas de gozo do sujeito, determinadas pelo objeto *a*, ficam em risco para estabelecer novas conexões. E isso só é possível quando há o que é denominado de travessia da fantasia, por mais problemática que essa ideia possa se apresentar, já que a totalidade dessa passagem não é possível. Lacan propõe essa metáfora aludindo não a um atravessamento, mas a uma modificação em relação a sua posição, mirando-a por outro ponto de vista. “A travessia da fantasia é a condição para que haja esse encontro com a inconsistência do Outro [...]” (Quinet, 2009, p.179)

Ao final dessa travessia, o analisante vê cair suas certezas imaginárias impregnadas ao eu, fazendo com que o analisante perca um tanto de gozo, que apesar de acarretar sofrimento, balizava a sua vivência cotidiana antes da procura da ajuda psicanalítica. Ele é um suporte que sustenta a experiência radical de que o homem para a psicanálise é aquilo que falta a ele, ou seja, seu objeto. Isso significa que a experiência de fim de análise tem como consequência perda da identificação pelos significantes dado pelo Outro na formação do sujeito aos quais ele se alienou. O sujeito se apresenta, portanto, completamente na sua crueza, na incerteza constitutiva. As certezas imaginárias, tão caras à maioria das pessoas, são desinfladas. É a isso que Lacan se refere quando no texto *Abertura* como “[...] a queda de objeto [...]” (Lacan, 1966/1998, p.11) que responderá pela questão do estilo. É sobre esse vazio a que o sujeito está lançado que a criação pode acontecer. Lacan propõe que existem formas diferentes de lidar com ele. As formas artísticas são formas de contorná-lo, enquanto a religião seria de adorá-lo e a ciência de foracluí-lo (Lacan, 1963/2005). Por esse motivo pode-se aproximar, sem equalizar, estilo e arte, ambos são formas de criação.

Lacan lança mão desse conceito como uma maneira de formalizar a experiência de final de análise. Não como um saber técnico, mas justamente um discurso esvaziado de saber (Iannini, 2012). Nesse sentido o estilo não se liga necessariamente ao conteúdo, mas à forma de composição do discurso em torno do vazio de *das Ding* escancarada pela instabilidade do Outro. Seria algo próximo ao ato de criação de um novo, já que o objeto não é mais dotado de substância, mas vazio impulsionador do desejo. “É na separação de sujeito e objeto, que estão conectados na fantasia, que advém a causa do desejo sendo assim necessário que se faça de um estilo uma resposta ao real” (Santos, 2015, p.50). Isso significa que tomar o estilo da banda do objeto não é exteriorizá-lo para fora do sujeito, mas justamente tencioná-lo entre essas duas instâncias. Dessa forma, o sujeito dá lugar ao objeto abissal que o engole para a criação de novos objetos a que engendram novas cadeias, estando o estilo ligado a estes. O

estilo será aquilo que diante do vazio da experiência de ser é ao mesmo tempo possibilidade de criação. Há o abandono radical do significado, daquilo que o objeto representa, e a identificação com o significante. Ou seja, não é mais o conteúdo do discurso que importa, mas a forma como ele é abordado, o seu bordeamento. E isso só pode ser alcançado a partir do esvaziamento do Outro e suas significações. Iannini (2012) afirma que isso só é possível com a queda do Outro que tira do sujeito a ilusão de metalinguagem.

Essa concepção de estilo une duas pontas de um mesmo nó. De um lado o estilo enquanto conceito e seus efeitos no sujeito. De outro lado o estilo Lacan e a possibilidade de transmissão da psicanálise. Se o estilo é a possibilidade de se aproximar desse vazio sem se queimar é porque há algo que possa ser dito apesar de tudo. Essa é a possibilidade mais fértil de transmitir a psicanálise. Se, como afirma Lacan, um estilo é a única coisa que é possível de transmitir e isso só é possível se for feito através da sua injunção “Faça como eu, não me imitem” (Lacan *apud* Quinet, 2009, p. 180). Essa estimulação pretende que o estilo seja uma aposta para que, diante do real, algo pode ser criado e fazer funcionar o que de outra forma estaria impedido de prosseguir, e não um manual de funcionamento moral. Isso se dá porque a psicanálise escancara que não há palavra última, o Outro portador da verdade, nem mesmo o analista ou a escola de psicanálise. Ao injetar significante onde significante não havia, demanda-se por outros significantes produzindo uma cadeia nova em torno desse vazio. Essa possibilidade questiona problemas clássicos da psicanálise, inclusive como ela pode ser incluída no campo das ciências, sem, contudo, se submeter aos parâmetros da ciência positivista.

2.2) De Lacan

O caminho de investigação do conceito de estilo na obra lacaniana invariavelmente remete ao próprio estilo de Lacan. Se tomamos como verdade que dentro de sua teoria o estudo do estilo abandona, por um lado, este como impressão de uma subjetividade, e por outro, a estilística como mero ornamento do discurso, pode-se tirar consequências para a avaliação do estilo de Lacan. Em primeiro lugar devemos abandonar a ideia de buscar em sua biografia a causalidade de como Lacan transmitiu a psicanálise. O estilo, é válido ressaltar novamente, se encontra da banda do objeto e não do sujeito. Por outro lado, é possível apreender que o estilo de Lacan é uma necessidade em face do seu objeto de estudo. Nesse sentido, é impossível dissociar conteúdo e forma. Se, em um primeiro momento, a intenção do

trabalho era nos afastar da querela do estilo em Lacan verificou-se que, metodologicamente, essa negação em adentrar nesse campo levaria ao erro pois, como diz Soulez (2002)

Uma particularidade da enunciação lacaniana é que ela não nos permite decidir entre o estilo ‘de’ e o estilo ‘em’ Lacan. O estilo de Lacan quer acompanhar o estilo da enunciação que retorna ao psicanalista a propósito de sua prática. Na verdade, devemos falar em um vai-e-volta necessário do estilo de Lacan ao estilo em Lacan. (p. 255)

Fruto de controvérsias, a forma como Lacan transmitiu a psicanálise foi muitas vezes duramente criticada e inclusive, pode-se inferir, foi um dos pontos de dificuldade para a inserção da teoria lacaniana dentro das escolas de psicanálise (Soulez, 2002). As críticas foram ferrenhas, tanto de pessoas próximas quanto de antagonistas. Edouard Pichon, linguista próximo à Lacan e seu amigo, por exemplo, demonstra certa depreciação do estilo lacaniano. Diz ele “seria do interesse de todos os psicopatologistas que ele [Lacan] se livrasse de uma certa couraça em que seu espírito se aprisiona: couraça feita ao mesmo tempo de um jargão de seita e de um preciosismo pessoal.” (PICHON, 1939 *apud* ARRIVÉ, 1999, p. 201) ou mais contundentemente ele escreve:

Muito bem, Lacan: continue a trilhar bravamente o seu caminho próprio no terreno inculto, mas não se esqueça de deixar atrás de você algumas pedrinhas brancas, para que possamos segui-lo, e encontrá-lo; muitas pessoas, que perderam qualquer contato com você, imaginam que você se perdeu. (Pichon *apud* Arrivé, 1999, p. 202).

Da outra cepa temos Mounin, já citado no presente trabalho e que declara em um de seus artigos: “Sua marca mais visível é que ele tem um estilo de cacoetes; e para a maioria dos leitores não pedantes, é um estilo irritante logo de início” (Mounin, 1969 *apud* Arrivé, 1999, p. 203).

A crítica, embora tenha sua validade, esbarra em uma compreensão de estilo limitada. Dá-se a impressão, por elas, que o estilo seria uma escolha de Lacan, uma forma intencionada de obscurecer a mensagem a ser passada com o intuito de aparentar mais profundo do que realmente seria. Entretanto, o próprio Lacan foi categórico ao afirmar que o estilo dele era o que era (Lacan, 1958/1999), o que propõe que foi a forma encontrada de transmitir a radicalidade de sua teoria. Podemos pensar que há uma contradição aparente entre a forma de Lacan formalizar seu ensino e a esperada entre filósofos e cientistas. Essa questão se conecta intimamente à possibilidade de efetivar a psicanálise como uma ciência, ou seja, o que autoriza um psicanalista a ocupar esse lugar. Até mesmo o momento político francês, em que os limites definidores da cientificidade estavam sendo questionados, levou Lacan a propor

saídas para essa questão. Mais do que respondê-la definitivamente ele propõe que o que a psicanálise possibilita é o questionamento do que é a ciência. Em sua obra ele até chega a afirmar que ela poderia ser também uma religião, somente para questionar o estatuto desses dois campos. “A psicanálise, quer seja ou não digna de se inscrever num desses dois registros, pode mesmo nos esclarecer o que devemos entender por uma ciência, mesmo por uma religião” (Lacan, 1964/2008, p. 14).

A constituição da ciência moderna é coloraria de uma metodologia que visa excluir o sujeito da operação do conhecimento. A filosofia também se fia nesse intuito. Não por acaso Descartes busca descobrir o sujeito do conhecimento só para posteriormente suprimi-lo.

A lógica matemática contribuiu enormemente para a visão de uma linguagem neutra, ao promover a construção de uma lógica da linguagem da ciência empírica mais apta a unir os espíritos, já que os conteúdos, dizem aqueles que deles reclama, dividem os espíritos quanto o formal os uniria (Soulez, 2002, p.259).

Lacan, porém, afirma em diversos momentos de sua obra que a Psicanálise só fez sua entrada no mundo pela existência de Descartes (Lacan, 1966/1998). Isso significa que a Psicanálise é fiel da ciência moderna, sem, contudo se submeter completamente a ela. Para essa ciência o melhor estilo de transmissão seria o não estilo, isso significa que o autor não deixa nenhuma marca por onde passa. Lacan, é patente, se afasta desse estigma, não obstante não negue a cientificidade da psicanálise.

Essa questão é histórica na teoria psicanalista. As descobertas de Freud, embora se fiassem na neurologia e nos avanços científicos da sua época, além de utilizar os termos em voga para veicular suas ideais, sempre tensionaram os limites da ciência positivista. Por seu turno, a sua intenção era fazer da psicanálise uma ciência objetiva, fisiológica (Garcia-Roza, 1984). Contudo, como é possível observar ao longo de sua trajetória, os espaços de sua teorização sempre deram ensejo para que uma crítica aos critérios estabelecidos pela ciência que era sua contemporânea aparecesse. Contíguo a esse fato, a psicanálise sempre foi questionada em sua cientificidade (Zizek, 2010). As críticas vieram de múltiplos lados, desde os mais sensacionalistas, que tentavam desqualificá-la através da biografia de Freud, até as fundamentadas teoricamente, tanto do lado da ciência como da filosofia.

Conquanto seja um campo de saber já estabelecido socialmente, a psicanálise atualmente não se encontra incólume a esses mesmos questionamentos vindos de diferentes áreas. Não só uma vez ela já foi declarada morta (Zizek, 2010). Não por acaso pululam, atualmente, em diversas partes do mundo tentativas de regulamentar a formação e a prática psicanalítica, tentando suborná-la a um aval estatal que definiria os parâmetros que legitimariam um psicanalista. A insistência na regulamentação, como diz Fink (1997) “[tem] motivos políticos, mas sem dúvida alguma serão disfarçados sob a forma de preocupação com proteção da seriedade e da cientificidade da psicanálise como teoria e prática.” (p.69). Lacan não se furtou a essa questão até porque foi diretamente atingido por ela. Em 1963 ele é expurgado da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), devido à heterodoxia de sua prática. Por força da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, na sigla em inglês), que se outorgava como a herdeira da transmissão da psicanálise no mundo, já que fora criada pro Freud, a SFP é impedida de deixar Lacan participar da formação de novos analistas. Sem alternativas ele se afasta da instituição (Roudinesco, 2007).

Lacan, todavia, teve um arcabouço mais amplo para discutir a questão da cientificidade da psicanálise do que Freud, uma vez que as discussões sobre o assunto se intensificaram a sua época. Ele rechaça a ideia ainda em voga de que ciência deveria se submeter aos padrões determinados pelo positivismo, no sentido de objetividade, reprodutibilidade e empirismo, que já se anunciava no seu texto de 1933. Para ele, os conceitos eram fundadores de uma ciência, o que o impedia de aceitar a ideia de que somente os elementos da realidade poderiam fornecer subsídios para a construção científica. As novas ciências que surgiram a sua época, como a linguística, da qual ele lançou mão em profusão, ampliavam as perspectivas das possibilidades do fazer científico. “Lacan se refere explicitamente à linguística como uma nova ciência em formação, responsável pelo estatuto científico do inconsciente [...]” (Fink, 1997, p. 73). Mesmo que mais tarde ele considere que a psicanálise não está no mesmo estatuto que essas ciências, ele as exalta pela possibilidade de inserir fenômenos relegados à obscuridade no campo científico. Isso foi possível pela criação de novos métodos de estudo da realidade, principalmente o estruturalismo e a hermenêutica. Lacan se afastará dos dois, mas ao mesmo tempo será tributário de ambos na medida em que eles permitiram operar certos determinantes no campo da ciência.

A hermenêutica, grosso modo, pretende abrir os sentidos de um texto, como se houvesse múltiplas formas de lê-lo para se alcançar uma verdade. Não há uma referência, um balizador de sentidos (Fink, 1997). Lacan critica essa abordagem, pois para ele a interpretação

psicanalítica visa efeitos na clínica psicanalítica, ou melhor, ela cria uma nova realidade que tem efeito de verdade. “Essa é uma propriedade compartilhada com a verdadeira ciência tal como Lacan a entende: ela cria algo de novo, introduz um novo símbolo ou simbolismo no mundo, tocando no real até a medula.” (Fink, 1997, p.71) Em relação ao estruturalismo, desenvolvido por Lévi-Strauss e que possibilitou a antropologia científica, esse método que enfatizava o discurso e as estruturas, afastando da análise psicologizante dos povos primitivos, ou seja, de uma compreensão entre atrasados e infantis para uma avaliação das estruturas simbólicas que regiam as relações internas desses povos. Entretanto, a concepção de inconsciente subjacente a esse método não coadunava com aquele que a psicanálise postulava.

Na obstante não equalizasse a psicanálise a tradição cartesiana, Lacan reconhece que ela é coloraria de uma operação fundada por Descartes. Ao não tomar nenhum pressuposto como verdade, como fez o filósofo ao utilizar como método a dúvida constante, ele impossibilita que o conhecimento se sustentasse por pressupostos. A verdade, portanto, é uma construção e não um fato dado. “Segundo Lacan, Descartes liberou o homem moderno do ônus da verdade [...] e permitiu-lhe ir em frente, para desenvolver o conhecimento que se referisse apenas ao seu interior.” (Fink, 1997, p. 73).

Tentar obter alguma garantia em psicanálise é contra o próprio princípio que a funda, qual seja, a existência do inconsciente. Estipular recomendações que devem ser seguidas para existir um psicanalista é acreditar que há o Outro não barrado, que seja o Estado, o analista ou até mesmo a escola de psicanálise que sustentará aquilo que é da ordem do desejo, mesmo quando apresenta um corolário de emancipação e subversão. “Uma escola que determine um estilo a seus membros, uma escola que imponha um estilo é aquela que funcionará como um Outro” (Quinet, 2009, p.184). Nesse sentido, suposta transmissão está do lado do sintoma, ou seja, da ordem significante que dirige ao Outro sua demanda em busca de aceitação. Para se tornar um analista, ao contrário, o que Lacan sugere é que este desenvolva seu próprio estilo, pois essa é da ordem da transmissão.

É esse o ponto que a questão da cientificidade da psicanálise pode interessar ao se investigar a questão do estilo de Lacan. Se o estilo está do lado do objeto, o da psicanálise necessitou, portanto, que Lacan se utilizasse dessa forma particular de transmissão para articular aquilo que não pode ser totalmente transmitido por significantes. A questão, porém, se complexifica ao questionarmos qual seria o objeto da psicanálise. De forma bastante apressada a reposta

poderia ser que se trata do inconsciente. Entretanto, o inconsciente não é da ordem do cognoscível ou mesmo do apreensível para ser tomado como objeto. Se ele se manifesta de viés, através de seus efeitos e formações, como a psicanálise pode ambicionar saber sobre ele, se mesmo o analisante não o sabe? Em seu texto *Ciência e verdade* de 1966 Lacan responde a essa questão da seguinte forma: “O objeto da psicanálise (...) não é outro senão aquilo que já expus sobre a função que nela desempenha o objeto *a*” (Lacan, 1966/1998. p. 877). Nomear a função do objeto *a* como aquilo a que se debruça a psicanálise é apontar para o seus limites, mais do que afirmar qual seu objeto.

Nesse sentido que a análise do estilo de Lacan revela sua potência. Ao tentar circunscrever o que não pode ser atingido por palavras, há a criação de um estilo, ou seja, frente à queda ergue-se a criação. O mais importante, enfim, diz respeito ao objeto tratado pela psicanálise.

Para Lacan, o inconsciente não é inefável, mas demanda uma outra forma de compreendê-lo. Passa-se assim do estilo opaco de Lacan à opacidades sem dúvida inevitável do estilo de apreensão do inconsciente. Essa passagem subreptícia é importante. Ela indica que o estilo do psicanalista é decidido pelo seu objeto (Soulez, 2002, p. 256)

Essa operação, como aponta Porge é, ao contrário do que poderia pensar os tradicionais pensadores estilísticos, o completo eclipse do sujeito, já que é dar espaço para que o objeto se manifeste em sua singularidade. O estilo maneirista e barroco de Lacan [...] é a marca de sua própria dessubjetivação diante do objeto que determina o sujeito. (Porge, 2001 *apud* Iannini, 2012, p. 300).

Tanto a ciência quanto a filosofia buscavam o apagamento do sujeito exaltando que o suporte da transmissão deveria ser o conceito. A escrita conceitual garantiria a clareza e da(?) transmissão. Nesse aspecto, o autor deveria se recusar a utilizar qualquer outra forma de linguagem, como a metáfora ou a poesia. “Assim, o único estilo possível, o verdadeiro conhecimento, voluntariamente inexpressivo, serio o não-estilo, ideal axiomático que supõe a renúncia às evidências do conteúdo”. (Soulez, 2003, p.258). Desse modo o conteúdo brilharia na sua solidão, sendo o único elemento importante do conhecimento. Ao tomar esse parâmetro o conteúdo se sobrepõe à forma, ou seja, mais vale o que está posto no texto do a maneira particular a que está apresentando-o. Entretanto, mesmo dentro do próprio bojo filosófico a crítica a esse aspecto foi contumaz, como é possível ler em Deleuze : “Os grandes filósofos são também grandes estilistas. O estilo, em filosofia, é o movimento do conceito [...]

o estilo é uma variação da língua, uma modulação, e uma tensão de toda a linguagem em direção a um fora (Deleuze 1992, *apud* Ianni, 2012, p. 263). Lacan é, ao mesmo tempo, um crítico e um fiel dessa intencionalidade da ciência (Souez, 2002). Ele também buscará uma forma de transmitir a psicanálise de forma lógica e quase desubjetivada, vide os matemas(?), entretanto, pela particularidade do objeto *a* que ele estava debruçado e ciente de sua impossibilidade, Lacan jamais deixou de metaforizar a teoria.

Não se pode, porém, dizer que há em Lacan uma exaltação da forma em detrimento do conteúdo. Se assim o fosse a psicanálise estaria mais próxima do poema e da arte e do que da ciência. No poema, a forma e o conteúdo são indissociáveis, alterar um é necessariamente modificar o outro. “Na poesia (...) não é possível alterar a enunciação sem alterar também seu conteúdo de verdade. Neste sentido, na ciência temos a maior separação entre forma e teor (conteúdo) do discurso; na poesia, eles são inseparáveis (...)” (Iannini, 2012, p. 260). É permitido, portanto, ao poeta, brincar com a linguagem, desapegá-la dos seus sentidos fixos criando novos usos e tessituras para elas. Mais uma vez encontramos a aproximação entre criação artística, estilo e delírio, já anunciada por Lacan em 1933.

A psicanálise, porém, não é arte. O discurso psicanalítico se encontra na tensão entre ciência, arte e filosofia (Iannini, 2012). Isso significa que o psicanalista se utiliza de elementos desses polos na busca de borderar os seus conceitos. Lacan e Freud, não por acaso, se utilizaram da forma ensaio para transmitir seus ensinamentos. Essa modalidade de escrita ao mesmo tempo que é científica, já que intenciona a transmissão de conceitos, também se dá no limite artístico, pois se utiliza da linguagem de forma criativa apresentando o objeto sob uma nova perspectiva. Isso se dá porque ao se tratar de conceitos Lacan lida com eles como significantes. “Lacan trabalha com conceitos segundo a perspectiva de sua lógica do significante, Isto é, ele aplica aos conceitos o mesmo tipo de tratamento que ele aplica aos significantes” (Iannini, p. 266).

À injunção científica de que o conceito seria a forma de transmissão segura, Lacan responde com a lógica significante. Essa metodologia se coaduna com a perspectiva de linguagem posta em sua teoria. Se não há como escrever fora da linguagem é impossível, portanto, que haja um conceito capaz de selar a verdade, a totalidade da coisa. Para Lacan, o conceito, tal como é proposto pela ciência, mais obscurece o objeto, impede de vê-lo claramente do que realmente auxilia em sua investigação. Concomitantemente, porém, não se trata, também, em Lacan, de um elegia à linguagem própria, que também cria barreiras à transmissão e ao compartilhamento. Lacan opunha-se paradoxalmente às formas fixas de escritura e à completa

subjetivação do saber (Souez, 2002). É válido lembrar que Freud em um início já célebre do seu texto *A pulsão e seus destinos* de 1915 também alerta para a utilização de um conceito que para ele só tem sentido se faz a teoria operar; caso ele se torne obsoleto, só resta abandoná-lo.

Por esse aspecto, analisar o estilo de Lacan, que sempre foi fruto de controvérsias e apresenta alguns problemas particulares como sua intensa variação ao longo de sua vida e a diferença de estilo entre os seminários, que eram exposições orais depois transcritas, e seus textos escritos e palestras (Arrivé, 1999) é demonstrar que a abordagem do inconsciente só é possível quando o sujeito se apresenta diante do impasse da formalização. Aliás, Lacan em toda a sua teoria insiste para que os analistas façam como ele, mas não o copiem, ou seja, frente aos impasses de cada um, inventem uma forma de abordar essa dimensão do inapreensível que se apresenta na teoria. Tomando essa perspectiva é que é possível analisar um estilo em relação ao objeto que ele envolve, ou seja, não se deve “nunca analisar o estilo sem levar em conta a razão pela qual ele é produzido, seu conteúdo, o objeto de sua aplicação” (Soulez, 2003, p. 256).

Iannini (2012) é claro ao dizer que a o estilo de Lacan, que permeia ao barroco, mas ao mesmo tempo é enxuto quando se trata de alguns textos, é a saída que o próprio encontrou frente à necessidade inerente de se pensar o inconsciente. Se o objeto *a* é o que medeia a relação do sujeito com o Outro e, como vimos, esse objeto faz baliza entre o simbólico e o real, há alguma coisa da ordem do inassimilável que é imanente à clínica psicanalítica, fruto de toda a experiência e fonte de toda a teoria. Lacan cria uma forma de simbolizar isso que escapa através do seu estilo. Freud fez isso antes dele e aí se encontra a potência da teoria psicanalítica que permite sempre releituras diversas. Ao se utilizar de conceitos reconhecidos no campo científico de sua época Freud foi capaz, entretanto, de subvertê-los a ponto de esgarçar os seus sentidos potencializando múltiplos significados. A criação é, portanto, uma injunção da Psicanálise.

A questão do estilo de/em Lacan, frequentemente muito mal colocada, vai além de uma questão estética, na medida em que ela é uma resposta ética a um problema cuja natureza pode ser descrita, de imediato, como teórica ou epistemológica, ou antes, languageira (Iannini, 2012, p.269)

Souez (2002) utiliza um belo exemplo de como o estilo de Lacan é uma necessidade imanente em sua teoria. Para questionar a ideia de que o sujeito é representado através da identificação especular e propor que na verdade há um enodamento Lacan recorre a uma passagem de Santo Agostinho, presente no livro *Confissões*. Nesse momento Lacan traduz o excerto da seguinte forma “Eu mesmo vi e observei de perto o ciúme de uma criança. Ela ainda não

falava e já fixava pálida, com um olhar amargo, seu irmão de leite” (Souez, 2002, p. 268). O nó da tradução se dá nas palavras olhar e amargo que Lacan assim traduz nesse primeiro momento e que serão frutos de controvérsias nos anos seguintes.

Em seu texto *Os complexos familiares* a mesma passagem já se encontra da seguinte maneira “E ele não podia, sem empalidecer, desviar seu olhar do espetáculo amargo de seu irmão de leite” (Souez, 2002, p. 268). A tradução aqui comporta uma questão. O tipo de olhar descrito nessa cena a partir da tradução de Lacan se trata de um quiasma, definido como “uma figura de entrecruzamento na qual termos de uma relação de incompatibilidade, e mesmo de exclusão, apresentam-se como indissociavelmente misturados” (Souez, 2002, p. 268). Assim, está em jogo paixão e ação ao fundo de uma atitude perceptiva. A ideia do empalidecimento demonstra que há uma concomitância entre o olhar e ficar pálido provocado pelo objeto de desejo. O próprio Lacan retira dessa cena a ideia de que há um objeto ao qual o sujeito é privado, barrado e que é a causa do desejo do irmão. A imagem é tomada, portando, como uma metáfora da operação do sujeito barrado pela imagem do outro, no momento em que o seio materno assume o objeto de desejo.

Em 1948 no texto *A agressividade em psicanálise* a tradução adquire a forma “E ele já contemplava com o olhar envenenado” com a ênfase recaindo sobre o “já” (Souez, 2002). Lacan busca ressaltar que a absorção agressiva através da percepção opera antes mesmo da fala, ou seja, de uma articulação de linguagem, o que permite coadunar com a hipótese de que o sujeito já está inserido no simbólico muito antes de aprender a se utilizar da língua. Em 1959 a tradução já se modifica novamente e o objeto não é só contemplado somente, mas já foi arrancado do sujeito. E, 1964 com a fórmula posta de o objeto me olha há uma especularização desse objeto, e em 1961 com o seminário sobre a transferência e com a ideia de amálgama o sujeito também se torna um objeto a ser olhado, retirado de seu posto, melhor dizendo, ele é o lócus de nascimento do desejo no momento fugaz em que ele ameaça esvanecer ((Souez, 2002). No seminário sobre os quatro conceitos fundamentais, mais uma vez esse trecho é chamado e é demonstrado o nó que sustenta o sujeito. Ao se tratar do olhar envenenado, Lacan enfatiza que o olhar aí assume o lugar de objeto *a*, ou seja, causa de desejo.

As diferentes concepções da tradução proposta pela autora visam fortalecer a tese de que à medida em que a teoria é desenvolvida e o objeto *a* necessitava de elaboração, Lacan lançava mão desse trecho. Dessa forma esse conceito foi nomeado

de diversas formas ao longo dos anos, não por capricho de Lacan, mas por necessidade teórica. Soulez chama a atenção com esse exemplo de como, diante da barreira do real, de uma experiência da ordem do inapreensível, Lacan se imiscuiu em sua própria obra, criando caminhos para construí-la.

Mas não seria exatamente esse o fenômeno de auto-inclusão dos analistas? Pois, ao alcançar o ponto vazio que causou todas as vibrações dos efeitos de sentido, ele poderia, no encontro com o sintoma, apropriar-se de algo que escapa a apreensão e transformá-lo, de alguma forma, em algo objetivável. (Soulez, 2002, p. 271).

Conclamar os analistas a fazer o mesmo em relação à teoria sempre foi a esperança de Lacan. Entretanto, isso não se mostrou viável na história do movimento psicanalítico. Para o psicanalista francês, porém, estava aí o cerne de toda a possibilidade de transmissão da psicanálise. A criação de um estilo, porém, é fruto em análise de seu final. A transformação de analisante em analista é, portanto, a possibilidade que o analisante se desvincule de seu analista em sua prática clínica, por exemplo, não o imitando. Por esse motivo o dispositivo passe é fundamental na escola lacaniana, uma vez que ele é testemunha do surgimento um novo desejo, que é desejo do analista. “Para Lacan, o distanciamento em relação à escritura conceitual é obtido por implicação do analista na apresentação dos limites do dizível” (Soulez, 2002, p. 262).

Por essa perspectiva, as sucessivas e atuais críticas ao estilo de Lacan caem por terra. Não poderia haver outro tipo de estilo com o qual Lacan transmitiria sua psicanálise. Desta feita, acreditar que seu estilo seja um ornamento ou um engodo é afirmar que ele poderia dispensá-lo sem se perder conteúdo, quando é justamente do contrário que se trata, a forma de transmissão comporta o próprio objeto a ser transmitido. As dificuldades alegadas à sua compreensão se tratam do limite da própria língua em conseguir suportar as lições as quais ele estava disposto a transmitir. “É possível que uma opacidade se apresente ligada ao que há a dizer, ou seja, à resistência, que o objeto opõe à formulação habitual ou aos recursos familiares oferecidos pela língua” (Soulez, 2002, p. 257). Averiguar, portanto, como o estilo de Lacan é sustentado é recapitular a própria dimensão epistemológica da Psicanálise, demonstrando que a radicalidade do seu objeto exige a distensão da própria língua para tentar abarcá-lo, sempre sobrando, contudo, um resto inexprimível.

Conclusão

O objetivo do presente trabalho foi elaborar uma possível delimitação do conceito de estilo na teoria psicanalítica lacaniana. Embora a palavra seja reiteradamente utilizada em sua obra, Lacan dedicou pouco espaço a estabelecer um significado consistente a esse termo que justificasse a sua utilização. Não obstante a dificuldade de estabelecer parâmetros para uma conceitualização, é possível inferir o seu sentido dentro de sua obra. Para tanto, nos utilizamos como ponto de partida dos principais textos aos qual esse conceito está sendo utilizado.

Percebemos no decorrer do texto que a construção do conceito de estilo na psicanálise lacaniana envolve a interconexão entre diversas categorias teóricas e remonta ao início da trajetória do autor, justamente quando há o interesse pela Psicanálise, enquanto teoria que coloca o desejo no epicentro de sua atuação. A convivência com os artistas surrealistas franceses introduziu Lacan nessa seara já que foram os responsáveis pela popularização da Psicanálise na França. Em 1933 Lacan já esboça os parâmetros que definiriam a utilização de estilo em sua obra, que é a ligação com a criação artística e a psicose. É possível observar nesse texto que o autor se dedica a aproximar a criação do delírio psicótico com a criação artística, o que possibilitaria pensar a questão do estilo. Embora nesse primeiro momento a palavra ainda tenha como pano de fundo a utilização dos filósofos estetas, que faziam parte da

estilística, campo de saber destinado a pensar a relação do estilo dentro das obras de um próprio autor, ou a obra do autor com o seu período histórico, Lacan já demonstra sinais de afastamento dessa concepção ao introduzir sub-repticiamente a possibilidade da determinação inconsciente no estilo artístico.

Uma consequência do texto lacaniano *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas de existência* (LACAN, 1933/2011), é a afirmação de que a compreensão do fenômeno psicótico só é possível a partir dos dispositivos fornecidos pelo próprio paciente. Não se trata, na psicose, de um fenômeno de alteração perceptiva, mas da construção de um mundo outro, particular, articulado a partir dos mesmos elementos do cidadão comum, mas que funcionam de outra forma. Existe nessa assertiva uma crítica implícita ao funcionamento psicológico e psiquiátrico da época, que fiel que era do positivismo, tentava enquadrar esses fenômenos em categorias objetiváveis.

A afirmativa lacaniana, entretanto, não dá margem para uma concepção de linguagem na psicanálise, como se esses pacientes funcionassem na plenitude linguageira. Desse modo, está implícita a compreensão de Lacan de linguagem, que tem consequências tanto para a elaboração do seu conceito de estilo, como para pensarmos o próprio estilo de Lacan. Nesse sentido, a evidência mais clara de como o psicanalista francês compreende a linguagem é por sua diferença em relação à dos linguistas, que afirmavam que a linguagem servia para a comunicação, ou seja, havia um intuito funcionalista. Lacan se afasta desse ponto de vista, pois questiona o signo saussuriano, que pregava uma unidade entre o significado, que é o conceito do objeto, e o significante, a sua imagem acústica. Na teoria lacaniana há a inversão da representação, elevando o significante a topo, ou seja, o significado é secundário na sua relação com o significante. Assim, ao falar, o que está em jogo é uma comunicação canhestra, aberta aos equívocos.

Dessa forma, tentamos definir minimamente o que podemos considerar como significante em Lacan. Existem várias críticas que tentam demonstrar que em Lacan não há uma conceituação clara em relação ao uso do significante, muito embora em alguns momentos ele tente estabelecer certas nomeações a esse conceito. A crítica, embora tenha a sua validade, demonstra que o sistema de pensamento lacaniano é radical em sua ideia de significante. Isso denota que Lacan tenta dar a seus conceitos o

caráter de significante e não de signo, o que impossibilita uma definição clara e objetiva dos termos utilizados. Se as leis do significante são da pura diferença, ou seja, que ele só significa algo justamente porque não significa outra coisa, e do funcionamento em cadeia, quer dizer que introduzir um significante é sempre conclamar outro significante para atingir algum significado, sem contundo, jamais fechar a cadeia, os conceitos lacanianos entram na mesma lógica. Nesse sentido é que a conceituação lacaniana de significante é canhestra já que, por sua própria natureza, não poderia ser diferente. Esse fato estabelece o estatuto consagrado à linguagem dentro de sua obra, já que ela jamais se fecha em um significado. O sujeito, ao utilizar-se de significantes jamais diz exatamente o que quer dizer.

Desse modo, quando Lacan afirma que o psicótico contém a chave interpretativa de seu sintoma, isso não quer dizer que a linguagem nesses pacientes funcione de forma satisfatória. Essa afirmação se relaciona à crítica lacaniana à metalinguagem, ou seja, grosseiramente a linguagem dizer de si mesma, haver alguma forma da língua conter em alguma parte a sua verdade. A linguagem carrega uma contradição já que ela é feita de seu próprio material, ou seja, ao se falar da linguagem utiliza-se da própria linguagem em uma auto-referência. Em Lacan, entretanto, não podemos falar que não há nenhum momento de ligação entre significante e significado. Se a linguagem falha é porque é da natureza da linguagem e não se trata de falha de uma determinada língua. Os momentos em que significante e significado se unem formando um todo de sentido Lacan chama de ponto de basta. Utilizando uma metáfora explicativa, o autor se utiliza do ponto de união entre duas faces da almofada. É como se esse ponto de basta fizesse a união entre as duas faces do signo. Dessa forma, a maneira de agir, metodologicamente é de tal forma que:

Nunca possamos separar a maneira de dizer do objeto a dizer. Essa soldagem entre a maneira de dizer e o objeto do dizer é profunda. Ela vem do fato de a língua ser feita de seu próprio estofo, de o que o objeto a dizer não é outra coisa senão o material no qual dizemos. Não há diferença entre o que dizemos e aquilo com que dizemos, já que não se sai da linguagem e que seu material faz-se objeto de alguma forma, peça pó peça. (Souez, 2002, p. 264)

Essas afirmações têm consequências para a apreensão do conceito de estilo. Quando Lacan (1966/1998) afirma que o estilo é o homem, mas o homem ao qual se refere a psicanálise, ele estabelece o conceito de sujeito em sua obra. Nesse sentido, tentamos fazer um breve apanhado de como se situa essa questão na psicanálise

lacaniana, demonstrando que na sua formação o sujeito foi submetido à tirania necessária do Outro, que lhe garantiu a existência, ao mesmo tempo em que o alienou em significantes que o congelam em identificações narcísicas, que terão efeito ao longo de sua vida. Lacan nomeia esses momentos como alienação e separação. Embora tratemos a seguir esses momentos como duas fases, é válido ressaltar que ambos ocorrem ao mesmo tempo e de forma concomitante.

No primeiro momento de existência do infante, devido a sua imaturidade orgânica, é marcado pela necessidade de um outro que faça o papel de cuidador e que forneça ao sujeito elementos necessários para sua sobrevivência. Entretanto, essa outra pessoa não fornece somente objetos de satisfação, mas irriga significantes aos quais a criança vai se alienar, vai ser submetida. Não se pode falar que esse momento é a amamentação, por exemplo, pois se o fosse haveria um momento pré-verbal, onde o corpo existiria por sua natureza. A alienação do sujeito se dá em um momento mítico.

Nesse momento a criança é objeto dos caprichos do Outro, aqui já tomado enquanto instância simbólica, e não mais como um outro materializado. Não há garantias para as necessidades infantis, o que quer dizer que a satisfação dada pelo Outro comporta em si mesma o germe da insatisfação. Se o infante permanecesse plenamente submetido ao Outro, as suas possibilidades de advir como sujeito desejante estariam impossibilitadas, pois não haveria a mínima diferença necessária entre o sujeito e o Outro, condição para o desejo. É assim, então, que se faz necessário um segundo momento na formação do sujeito, que é a separação que possibilita ao sujeito sair da condição de objetividade do Outro, recalcando esse momento.

Quando Lacan afirma em 1958 que o estilo é o objeto, essa afirmação propõe um corte. Por um lado propõe que a possibilidade de se estabelecer um estilo se dá justamente diante da queda dessas identificações, quando o sujeito se percebe desvalido de suas certezas podendo surgir algo da ordem da criação. Por esse motivo diversos autores como Iannini (2012) ou Quinet (2009) aproximam o estilo ao final de análise, como uma metáfora daquilo a que um tratamento analítico deveria alcançar. Seria um momento não identificado na consciência, em que o sujeito denuncia a inconstância do Outro, já que os significantes doados por ele para que o sujeito se formasse não tem mais solidez. Ao ver cair essas muletas aos quais construiu sua definição de si, o sujeito aparece em sua crueza, sem nenhum engodo a defini-lo. No momento da separação, o sujeito recalca que o Outro é incapaz de satisfazê-lo

completamente, que ele é barrado, e acredita que há, em algum lugar desse Outro, a satisfação completa, que inexistiu devido ao funcionamento significante. À análise caberia levar a esse momento, onde o sujeito abandona a ilusão de metalinguagem, de dar consistência ao Outro (Iannini, 2012). Frente a esse desamparo ele tem, então, que criar novas possibilidades para sua existência, o que faria não mais congelado pelos significantes advindos do Outro, mas com liberdade de criar um estilo. Nesse aspecto é que, mais uma vez, é possível aproximar a criança do artista, do psicótico e do estilo, trata-se de, frente a um real inapreensível, construir uma novidade.

Essa compreensão faz a união necessária entre o estilo em Lacan para o estilo de Lacan. Não se trata de analisar sua vida em busca de fundamentos para sua suposta obscuridade teórica, mas de perceber que, frente à particularidade do objeto ao qual se debruçou, e sem se fiar na mestria de nenhum discurso anterior como portador da verdade, como das escolas ou até mesmo de Freud, ele teve que criar seu próprio estilo de transmissão. Nesse movimento ele se utiliza de elementos da filosofia, da ciência e da arte, sem, contudo submeter seu discurso a nenhuma dessas áreas. O objetivo era permitir que o seu objeto pudesse falar através de qual recurso for. “Pois, entre o estilo e o objeto da psicanálise, nada deve obstruir o dizer, distanciando-o do objeto através de um desnivelamento provocado pelo formal. De outro lado, o inconsciente pede um dispositivo particular para ser apreendido” (Soulez, 2002, p. 260). Dessa forma, frente ao real que o inconsciente representa pode-se dizer algo, mesmo que não tudo.

As críticas ao estilo de Lacan resvalam, portanto, na inadequação, já que não se trata de um ornamento intencionalmente posto com o objetivo de dificultar o acesso ao seu ensino. Pelo contrário, foi justamente para fundamentar sua transmissão que Lacan criou sua forma de transmitir a psicanálise. De forma mais radical, o estilo de Lacan é a sua resposta à questão que assola a psicanálise desde os seus primórdios, que é a questão da sua cientificidade. Freud, embora tenha escolhido levar o seu nascente campo de saber para o âmbito das ciências naturais foi responsável por tensionar os limites aos qual essa ciência conseguia abarcar os fenômenos que se manifestavam em sua clínica. Atualmente os ataques à Psicanálise encontram eco nas tentativas dos mais diferentes países em cercear a prática analítica, buscando sua regulamentação.

Frente ao ideal científico moderno, onde o sujeito deve se eclipsar para que somente o conteúdo do qual se trata tenha brilho, Lacan propõe pelo seu estilo uma nova possibilidade

de fazer ciência, campo ao qual nunca abriu mão de incluir a psicanálise. Assim, em oposição à busca da objetivação, o convite de Lacan aos analistas era para que eles criassem seu próprio estilo, se envolvessem na criação da psicanálise. Essa incitação, porém, não fundamenta um argumento de que temos uma estilização do discurso analítico em Lacan, como se somente a forma fosse importante. É evidente que o rigor faz parte das exigências de qualquer trabalho psicanalítico, entretanto, lidar com a psicanálise é colocar de si, irremediavelmente.

A tentativa do presente trabalho foi investigar como o conceito de estilo se estabelece na obra lacaniana. Para tanto articulamos um série de conceitos para sustentar a tese de que podemos apreender das afirmações de Lacan que o estilo é dado pelo objeto, e não é uma manifestação subjetivista de quem o executa. Isso quer dizer que frente à dimensão de objetividade ao qual o sujeito esteve assujeitado em sua formação, reatualizada nas situações aos quais os significantes dados pelo Outro são incapazes de sustentar a posição a que o sujeito se coloca. Como a criação artística, a psicose e o fim de análise, o sujeito surge com a possibilidade de criação, de desenvolver um estilo ao final da análise. Desta feita, o envolvimento teórico com a psicanálise, e a particularidade de seu objeto, incita o psicanalista a colocar de si na teoria. Foi o que Lacan fez, desenvolvendo seu estilo, admirado por uns, criticado por outros. Cabe a nós tentarmos fazer o mesmo.

Referências Bibliográficas

Aguiar, F. (2006). *Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise*. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 105-131. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100007&lng=pt&tlng=pt.

Arrivé, Michel (1999). *Linguagem e Psicanálise, Linguística e Inconsciente - Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Birman, J. (1994). *Psicanálise, ciência e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Borges, J. L. (1949/2005). *O Aleph*. Rio de Janeiro. Companhia das Letras.

Braz, Lana Magna Sousa. (2016). *Da análise da negação e suas consequências na constituição das estruturas clínicas psicose e neurose*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Burgarelli, C. G. (2003) *Escrita e corpo pulsional*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem.

Cabbas, A G.(2009) *O sujeito na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Costa-Moura, F. Costa-Moura, R. *Objeto a: ética e estrutura*. Agora Rio de Janeiro. V. xiv n.2 julho/dezembro de 2011, p. 225-242 Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000200005

Fink, B. (1997). *Ciência e Psicanálise*. In *Para ler o seminário 11 de Lacan – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (p. 68-79), FELDESTEIN, R. FINL, B. JAANUS., M. (orgs). Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro

Freud, S. (1895/2006). *Projeto para uma psicologia científica*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1893-1895/2006b). *Estudos sobre a Histeria*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1912a/2006c). *Alguns comentários sobre o conceito de inconsciente na psicanálise*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 7. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1912b/2006d). *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago

Freud, S. (1915/2006e). *O inconsciente*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago

Freud, S. (1919[1918]/2006f). *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 17. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1920/2006g). *Além do princípio do prazer*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago

Freud, S. (1937/2006h). *Análise Terminável e Interminável*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago

Figueiredo, L. C., & Minerbo, M.. (2006). *Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo*. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=en.

Gabbi, J. F. Osmyr (1998). *Considerações sobre a eterna juventude da psicologia: o caso da psicanálise*. In: Politzer, Georges. *Crítica dos fundamentos da Psicologia: A psicologia e a psicanálise*. Piracicaba- São Paulo. Editora UNIMEP.

Garcia-Roza, L. A. *Freud e o Inconsciente*. (1984). Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 1984.

Garcia-Roza, _____. *Introdução à metapsicologia freudiana- 3*. 7.ed. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995.

Gaufey, G. L. (2015). El sujeto según Lacan. Buenos Aires: El cuenco de plata.

Goldemberg, Ricardo (2014). *O problema da naturalização do gozo em Lacan e nos pós-lacanianos*. Palestra realizada no Instituto de Psicologia da USP em 24 de abril de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-wuLCS1IKRs&t=1s>

Iannini, G. (2007). *Psicanálise, ciência extima. Epistemo-somática*, 4(1), 69-78. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-20052007000100007&lng=pt&tlng=PT

Iannini, G.(2010) *Nem physis nem psyché: o papel da estrutura no reordenamento epistêmico da Psicanálise*. Philótophus. Philótophus(UFG), p. 43-60,. Recuperado de <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/3648>.

Iannini, G.(2012) *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Jorge, M. A. C. (2010/2013) *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: volume 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1932/2002). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Editora Forense.

Lacan, J. (1933/2002). *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas de existência*. Rio de Janeiro: Editora Forense.

Lacan, J. (1953/1998). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: Lacan, J. (Org.), *Escritos* (p.238- 324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Lacan, J. (1956/2002). *O Seminário livro três As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Lacan, J. (1956/1998). *A situação da psicanálise e a formação do psicanalista*. In: Lacan, J. (Org.), *Escritos* (p.461- 495). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Lacan, J. (1957-1958/1999). *O seminário livro cinco As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

Lacan, J. (1953/1998). *A psicanálise e seu ensino*. In: Lacan, J. (Org.), *Escritos* (pp.438- 460). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Lacan, J. (1957/1998). *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: Lacan, J. (Org.), *Escritos* (pp.496- 536). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Lacan, J. (1958/1998). *Juventude de Gide ou a letra e o desejo*. In: Lacan, J. (Org.), *Escritos* (pp.749-775). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Lacan, J. (1960/1991). *O seminário livro sete: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

Lacan, J. (1963/2005). *Seminário livro de: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

Lacan, J. (1964/2008). *O seminário livro onze: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

Lacan, J. (1966a/1998). *A ciência e a verdade*. In: Lacan, J. (Org.), *Escritos* (pp.869- 892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Lacan, J. (1966b/1998). *A abertura dessa coletânea*. In: Lacan, J. (Org.), *Escritos* (pp.9- 13). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Laurent, E (1997). *Alienação e separação II*. In *Para ler o seminário 11 de Lacan – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (p.42-51) FELDESTEIN, R. FINL, B. JAANUS., M. (orgs). Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

Lucero, A. Vorcaro, A. (2013) *Do vazio ao objeto: das Ding e a sublimação em Jacques Lacan*. *Ágora Rio de Janeiro*. V. 16 Janeiro-Abril de 2013, p. 25-39. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v16nspe/03.pdf>

Maurano, D. (2006). *Um estranho no ninho ou a psicanálise na universidade*. In: Lacan e a formação do psicanalista. Marco Antônio Coutinho Jorge (Org.). Rio de Janeiro: Contra capa.

Mezan, E. (1993). *Que significa “Pesquisa” em psicanálise?* In: *Investigação e Psicanálise*. Maria Emília Lino da Silva (Coord.). São Paulo, Campinas: Papirus.

Mezan, R. (2006, junho). *Pesquisa em Psicanálise: Algumas reflexões*. *Jornal de Psicanálise*. 39(70). Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352006000100015>

Milner, Jean-Claude (1996). *A obra clara – Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Nogueira, L. C. (2004). *A pesquisa em psicanálise*. *Psicologia USP* 15(1-2) pp.83-106. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013&lng=en&tlng=es. 10.1590/S0103-65642004000100013

Politzer, Georges. (1928/1998). *Crítica dos fundamentos da Psicologia: A psicologia e a psicanálise*. Piracicaba- São Paulo. Editora UNIMEP.

Quinet, A.(2009) *A estranheza da Psicanálise: A escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Rabinovich, S. S. (2009). *O conceito de objeto na teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud.

Regnault, F. (2001). *Em torno do vazio – a arte à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Contra capa.

Roudinesco (2007). *Lacan: História de um sistema de pensamento*. Rio de Janeiro: Companhia de bolso.

Santos, H. L. (2015). *A noção de estilo em Lacan*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Saussure, F. (1916/2006). *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix

Soulez, A.(2002). *O nó no quadro ou o estilo de;em Lacan*. In: *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. Safatle, V. (Org). São Paulo: Editora Unesp.

Žižek, S. (2010). *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.